

**MUNDO DO TRABALHO E COVID-19:
UM PANORAMA SOBRE ESSA RELAÇÃO E A
PROPOSIÇÃO DE AGENDA PARA UM GRUPO DE PESQUISA**

Débora Coutinho Paschoal Dourado¹

Angélica Pereira Soares²

Mariana Larissa dos Santos Silva³

Newton Claizoni Moreno de Melo⁴

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 trouxe desafios para o mundo inteiro, todas as esferas que constituem a sociedade foram impactadas, saúde, educacional, social, econômica, política e o mundo do trabalho. Segundo o relatório *A world at risk* produzido pelo *Global Preparedness Monitoring Board* (2019), que atua em conjunto com a Organização Mundial de Saúde (OMS), os surtos causados por vírus com potencial de propagação rápida têm sido detectados com uma frequência cada vez maior. O que aparenta ser apenas um evento biológico,

¹ Doutora em Administração (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil). Professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/2657393049675305>. <https://orcid.org/0000-0001-8316-8551>. debora.cpdourado@ufpe.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Administrativas. Rua Professor Moraes Rego, 1235, Cidade Universitária, Recife, PE, Brasil. CEP: 50670-901. Telefone: (55 81) 2718370, Ramal: 160. Fax: (81) 27088870. Telefone: Não informado.

² Mestra em Administração (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil). Professora EBTB do Instituto Federal do Piauí. <http://lattes.cnpq.br/7783228265605746>. <https://orcid.org/0000-0001-5206-8152>. angelica.soares@ifpi.edu.br.

³ Mestra em Administração (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil). Professora do Centro Universitário Estácio do Recife e da Universidade Maurício de Nassau. <http://lattes.cnpq.br/5040837893980156>. <https://orcid.org/0000-0002-8065-5597>. marianalarissasilva@gmail.com.

⁴ Doutorando em Administração (Universidade Federal de Pernambuco, Brasil). <http://lattes.cnpq.br/4954153761188897>. <https://orcid.org/0000-0002-3547-5394>. newtonclaizoni@gmail.com.

sobre o qual não possuímos nenhum controle, na verdade, tem sido intensificado por conta do nosso modo de produção e consumo predatório. Segundo indica Quammen (2013), os impactos ambientais causados pela devastação da natureza e utilização de forma irresponsável dos recursos naturais desestabilizam o ecossistema, aumentando as possibilidades para ocorrência de surtos epidêmicos. Além disso, fatores como a globalização, que intensifica o trânsito entre os países, e o crescimento populacional também podem ser associados a uma maior frequência dos surtos. Desta forma, a pandemia de Covid-19 e seus impactos precisam ser interpretados muito além de um evento biológico.

O mundo do trabalho foi impactado profundamente pelo novo corona vírus. Trabalhadores desempregados, redução de renda, insegurança em relação ao futuro, medo de ser contaminado, e expansão de novas modalidades de trabalho que amplificam a precarização são alguns aspectos implicados. Ao acessar notícias publicadas nas mais diversas mídias no mundo fica evidente o quanto a pandemia escancarou ainda mais as desigualdades sociais provocadas pelo nosso modo de produção. Mascaro (2020) explica que “a dinâmica da crise evidenciada pela pandemia é do modelo de relação social, baseado na apreensão dos meios de produção pelas mãos de alguns e pela exclusão automática da maioria dos seres humanos das condições de sustentar materialmente sua existência”. Esse cenário de crise possivelmente irá acelerar as mudanças que já vinham ocorrendo no mundo do trabalho. Dessa forma, a pandemia vem sendo considerada um novo marco que passa a direcionar as pesquisas relacionadas com o mundo do trabalho (Bridi, 2020).

Motivados por essa conjuntura e como membros de um grupo de pesquisa que tem se voltado a pesquisar sobre o trabalho como categoria central da vida e das organizações, o presente artigo objetiva propor uma agenda de pesquisa a partir de um levantamento de temáticas relacionadas ao mundo do trabalho, emergidas da realidade social durante a pandemia de Covid-19. Esse levantamento foi feito nos principais sites de notícias nacionais e internacionais. Para tanto, realizamos

uma pesquisa documental a partir de notícias jornalísticas que foram publicadas no período de março a junho de 2020 nos seguintes portais nacionais: Globo, Uol, Folha de São Paulo, e internacionais: New York Times e Yahoo. Essas notícias foram categorizadas a partir de sua semelhança temática e se constituíram na base que formou o nosso *corpus* e direcionou a criação da agenda de pesquisa, gerando daí um panorama das questões centrais levantadas nas principais fontes de mídia relativas ao mundo do trabalho.

O interesse por esse levantamento, do Mundo do Trabalho e a Pandemia de Covid-19, surgiu de uma inquietação do grupo interinstitucional que fazemos parte, o Observatório da Realidade Organizacional, que iniciou suas atividades no ano de 2000 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e posteriormente se expandiu para outras Universidades, com o objetivo de produzir conhecimento científico de forma colaborativa. O grupo desenvolve atividades no campo de Estudos Organizacionais e os interesses de pesquisa são variados, cujo foco inicial foi no campo da cultura e nas organizações locais (Carvalho & Vieira, 2003) e, tendo em vista os diversos olhares dos pesquisadores que compõem o grupo, posteriormente ampliou-se para estudos sobre organizações e políticas culturais, relações de poder, novas formas organizacionais, terceiro setor e práticas organizacionais alternativas.

Nos últimos anos, especificamente em Pernambuco, nosso grupo tem se dedicado aos estudos relacionados ao mundo do trabalho, como trabalho e precarização, o papel do indivíduo na organização e os sentidos do trabalho. Dessa forma, o grupo busca ampliar o olhar e investigar organizações e práticas que se afastem da lógica funcionalista do *mainstream* dos estudos organizacionais, notadamente para o trabalho, seu sentido e implicações para os sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, nossas inquietações foram provocadas a partir da observação das notícias relacionadas com o mundo do trabalho veiculadas durante o período da pandemia de Covid-19. Ao acompanharmos as matérias jornalísticas começamos a nos questionar sobre qual seria o impacto da Covid-19 nas relações de trabalho e principalmente para os trabalhadores e, para além disso, sobre qual seria o impacto da pandemia nas nossas pesquisas acadêmicas. Principalmente, como poderíamos nos inserir num contexto tão complexo e emergencial como aquele, percebendo que a pandemia traria impactos imediatos e mediatos sobre os quais não poderíamos ficar inertes, para não dizer, omissos.

Desses questionamentos surgiram tantos outros: O trabalho remoto vai se consolidar? Como serão as novas formas de controle organizacional? Qual o impacto da Covid-19 na saúde física e mental dos trabalhadores? O capitalismo de plataforma vai se expandir? Quem são os trabalhadores mais vulneráveis? São alguns exemplos das inúmeras inquietações que surgiram no grupo durante esse período. *A priori*, o objetivo desse artigo não é responder esses questionamentos, mas propor, a partir de um levantamento amplo, uma agenda de pesquisa específica para nos orientar no sentido de tentar compreender e interpretar melhor o contexto do trabalho na pandemia e pós-pandemia. A partir das reflexões aqui expostas, pretendemos relacionar nossos estudos com os temas que emergem a partir do empírico, promovendo um debate social sobre os problemas centrais do nosso tempo e lugar (Santos, 2002), buscando não apenas abordar o trabalho sob a lógica do capital, mas também contribuir para evidenciar outras racionalidades e outras formas de organizar.

Para cumprir o objetivo proposto, apresentamos na próxima seção uma contextualização do mundo do trabalho no contexto da pandemia de Covid-19. Em seguida, apresentaremos a metodologia desenvolvida. Na sequência, serão descritas as categorias temáticas encontradas durante o levantamento e, logo após, abordaremos um panorama sobre o que tem se falado a respeito do mundo do trabalho no contexto da pandemia. Por fim, ao apresentarmos o panorama,

indicaremos os caminhos que pretendemos trilhar na agenda do Observatório da Realidade Organizacional Pernambuco e apresentaremos possibilidades de pesquisas futuras para outros pesquisadores.

O TRABALHO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Para relacionarmos trabalho e pandemia e compreendermos os possíveis impactos associados, é necessário olharmos o cenário que antecede a pandemia. No trimestre anterior ao primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil, período entre dezembro de 2019 a fevereiro de 2020, o índice de desemprego no país era de 11,6% e a taxa de informalidade atingiu 40,6% da população ocupada (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2020a). Ressaltamos que os altos índices de informalidade não representam uma exceção ou apenas um período de crise, trabalhos precários e informais constituem um dos traços históricos-estruturais do mercado de trabalho brasileiro (Alves, 2013). Sobre índices relacionados com a pobreza, a síntese dos indicadores sociais do IBGE (2019) indicou que houve um aumento de pessoas vivendo na extrema pobreza, cerca de 13,5 milhões de brasileiros sobrevivem com rendimento inferior a US\$ 1,90 por dia. É esse cenário caracterizado por altos índices de desemprego, ampliação da precarização do trabalho e da pobreza que marca o mundo do trabalho e no Brasil, em particular.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia do novo coronavírus e desde então tem se amplificado os sentimentos de apreensão e incerteza. Em uma avaliação preliminar, a *International Labour Organization* (ILO) (2020a) indicou que os principais impactos da Covid-19 no mundo do trabalho seriam o aumento em grande escala do desemprego e subemprego, possível ampliação do trabalho autônomo, visto que em muitos casos essa é a única opção para a sobrevivência, e um aumento no nível de pobreza. Apesar de se constituir, inicialmente, em uma crise de saúde, a pandemia de Covid-19 não pode ser limitada apenas a um evento natural e

biológico (Antunes, 2020). Conforme aponta Harvey (2020), essa pandemia possui todas as características de classe, gênero e raça, ou seja, não atinge a todos da mesma forma. Uma pesquisa realizada pelos economistas Furceri, Loungani e Ostry (2020) apontou que as maiores epidemias deste século, SARS (2003), H1N1 (2009), MERS (2012), Ebola (2014) e Zika (2016), elevaram a desigualdade de renda e prejudicaram as perspectivas de emprego para trabalhadores com baixa qualificação.

Os pesquisadores acompanharam os efeitos distributivos nos cinco anos posteriores às referidas epidemias e concluíram que a desigualdade aumentou 1,5%. Efeitos decorrentes do desemprego, da precarização e da falta de perspectivas das condições de emprego, sendo que esses são menores para trabalhadores mais qualificados. O impacto da pandemia atinge de forma mais aguda uma massa de trabalhadores vulneráveis, que já se encontravam em situação precarizada no período anterior à crise.

Os governos, em maior ou menor intensidade, implantaram medidas de distanciamento social e impuseram quarentenas para evitar a propagação do vírus. Em nível mundial, essas medidas impactaram cerca de 2,7 bilhões de trabalhadores (ILO, 2020b). Entretanto, Boaventura Santos (2020) pontua que qualquer quarentena vai privilegiar alguns grupos em detrimento de outros.

Nesse sentido, percebemos uma clara divisão entre os trabalhadores: aqueles que podem ficar em casa e permanecem recebendo suas remunerações e aqueles que não possuem essa opção, seja por serem essenciais ou por não terem opções de renda. Sendo assim, esses últimos, enfrentam o difícil dilema de “escolher” ficar sem trabalhar e morrer de fome ou se dispor a trabalhar e se expor ao vírus, colocando a sua vida e de seus familiares em risco. Apesar do vírus ter atingido os países centrais do capitalismo, seus impactos são mais intensos nos países periféricos, por conta da desigualdade social e econômica,

das condições precárias de moradia, de uma maior instabilidade política e de um mercado de trabalho caracterizado pela informalidade e precariedade.

Os impactos da pandemia na América Latina tornam mais evidentes as desigualdades, e diferente dos países centrais do capitalismo que foram atingidos pela crise, que estavam diante de um contexto de queda na taxa de desemprego, o Brasil, entre 2015 e 2016, viveu uma de suas mais profundas crises e, entre 2017 e 2019, a mais longa recuperação de sua história (Carvalho, 2020). Nesse contexto, a pandemia de Covid-19 representa não apenas uma crise de saúde, mas uma crise humanitária, aprofundando as desigualdades históricas. É importante ressaltar que no caso do Brasil já estávamos inseridos em uma crise econômica e política quando a pandemia chegou ao país. Diante de um cenário de instabilidade política e econômica, os primeiros afetados são os trabalhadores, cujas desigualdades tendem a se ampliar com a pandemia.

Ademais, em momentos de crise ficam ainda mais aparentes a relação conflituosa entre o capital e o trabalho, e apesar da pandemia ser inicialmente uma crise sanitária, ela impacta diretamente nas esferas econômicas e sociais. Isso nos leva a questionar se o capitalismo se apropriará dessa crise para se reinventar, visto que, conforme indica Mézáros (2011), o capital tem se aperfeiçoado durante as crises e tem deslocado com maior eficiência suas principais contradições históricas. Neste sentido, Harvey (2011) aponta que as crises fazem parte da história do capitalismo e a frequência e profundidade com que ocorrem tem se intensificado a partir dos anos de 1970. Segundo o autor, “a massa de trabalhadores tem sido colocada em uma posição em que tem que trabalhar para o capital sobreviver” (Harvey, 2011, p. 55). Assim, só podemos compreender a extensão dessa pandemia ao compreendermos historicamente as crises relacionadas ao capital, dessa forma, não podemos compreender a pandemia isoladamente, faz-se necessário entender o contexto sobre o qual esta se desenvolve. Portanto, a pandemia reforça a crise econômica, que atinge principalmente os trabalhadores vulneráveis, imigrantes, informais, terceirizados,

mulheres, negros, domésticas e tantos outros que dependem do seu trabalho para sobreviver.

Desta forma, ao olharmos para a realidade que nos cerca, urge trazer para as nossas pesquisas as diversas vozes, os trabalhadores considerados invisíveis, as diversas realidades, os contextos de trabalho e as reivindicações que emergem da realidade social. Neste sentido, pretendemos nos aproximar do cotidiano para que a teoria possa surgir. A partir do que foi exposto e tendo em vista os efeitos pouco dimensionados da Covid-19 em relação ao mundo do trabalho se faz necessário compreendermos não só os impactos, mas também as possíveis transformações ocorridas e que ainda ocorrerão no mundo do trabalho decorrentes da Covid-19. Escolhemos esse caminho a fim de ampliarmos o nosso olhar e basear nossos estudos a partir das necessidades que surgem da realidade social e organizacional. O caminho que usamos é contado a seguir.

TRILHA METODOLÓGICA

Neste estudo, partimos de uma abordagem qualitativa na medida em que esta é a perspectiva própria para investigar e compreender fenômenos socialmente construídos, como os relacionados ao trabalho. O método pode ser caracterizado como descritivo, visto que se propõe a descrever um panorama dos principais temas que irão compor a nossa agenda de pesquisa. Para a coleta de dados, utilizamos a pesquisa documental. Para tanto, buscamos selecionar matérias jornalísticas nos portais de notícias nacionais e estrangeiros, visando construir um panorama do campo do trabalho a partir de uma perspectiva global e levando em consideração as especificidades brasileiras.

Inicialmente, como forma de direcionar a nossa pesquisa, realizamos uma busca dos sites mais acessados no Brasil e no mundo no mês de abril de 2020, informação disponibilizada pelo site de estatística de tráfego *on-line Similar Web* (2020). Com isso, geramos um *ranking* dos cinco sites mais acessados no Brasil e

dos vinte mais acessados no mundo, conforme exposto nas tabelas 1 e 2, respectivamente. Após a listagem dos sites mais acessados, estabelecemos os seguintes critérios para a escolha daqueles que seriam utilizados como fonte de dados: sites que tinham a opção de busca através de palavra-chave (1), sites no idioma inglês ou português (2); sites que possuíam notícias relacionadas com a temática proposta (3).

Tabela 1

Ranking dos sites mais acessados no Brasil dentro da seção Notícias e Mídia

Posição	Site	Nº de acessos
1º	globo.com	842,05M
2º	uol.com.br	599,57M
3º	yahoo.com	111,45M
4º	abril.com.br	126,93M
5º	folha.uol.com.br	96,09M

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Similar Web (2020).

Dentre os portais de notícias nacionais, selecionamos três: Globo (1ª lugar, com 842,05 milhões); Uol (2º lugar, com 599,57 milhões) e Folha de São Paulo (5º lugar, com 96,06 milhões). Já dos portais de notícias internacionais, selecionamos dois, o Yahoo (2º lugar, com 3,53 bilhões de acesso) e o The New York Times (14º colocado, com 444 milhões de visualizações).

Tabela 2

Ranking dos sites mais acessados no mundo dentro da seção notícias e mídia

Posição	Site	País	Nº de acessos	Posição	Site	País	Nº de acessos
1º	ucnews.in	Índia	3,85B	11º	bbc.co.uk	UK	623.500M
2º	yahoo.com	EUA	3,53B	12º	news.google.com	EUA	617.000M
3º	yahoo.co.jp	Japão	2,33B	13º	bbc.com	UK	524.500M
4º	naver.com	Coreia	1,73B	14º	nytimes.com	EUA	444.000M
5º	qq.com	China	1,19B	15º	theguardian.com	UK	389.500M
6º	globo.com	Brasil	957.800M	16º	dailymail.co.uk	UK	365.350M

7º	msn.com	EUA	915.080M	17º	sohu.com	China	364500M
8º	cnn.com	EUA	869.810M	18º	wp.pl	Polônia	329.000M
9º	news.yahoo.co.jp	Japão	750.000M	19º	news.yahoo.com	EUA	275.500M
10º	uol.com	Brasil	677.190M	20º	finance.yahoo.com	EUA	255.500M

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em Similar Web (2020)

Desta forma, o nosso *corpus* de pesquisa foi construído com base nos cinco canais de mídia escolhidos: Globo, Uol, Folha de São Paulo, Yahoo USA e The New York Times. Nossa equipe coletou os dados entre maio e julho de 2020. Como critérios de busca das notícias, estabelecemos o período temporal de 01 de março a 15 de junho de 2020, tendo em vista que o primeiro caso de Covid-19 confirmado no Brasil data 26 de fevereiro, e adotamos as seguintes palavras-chave: para os sites nacionais, “trabalho”, “trabalhador”, “emprego”, “empregado”, “empregador”, “desemprego”, “desempregado”, “office”, “home-office” e “autônomo”; e nos sites internacionais, “work”, “worker”, “employment”, “unemployment”, “labor” (labour), “laborer” (labourer), “office”, “home-office”, “freelance” e “freelancer”. Ressaltamos que no portal The New York Times utilizamos apenas as palavras-chave “work” e “worker”, devido à grande quantidade de notícias que surgiram no período informado, mais de dez mil, tornando inviável a leitura por conta do volume. Realizamos as buscas nos respectivos sites no campo de busca de notícias. Para a seleção delas, fizemos uma leitura flutuante dos títulos, as que não tinham relação com o mundo do trabalho eliminávamos automaticamente e, caso se houvesse qualquer dúvida a respeito dessa relação, procedíamos com a leitura completa da notícia. Das notícias apresentadas no resultado da busca, selecionamos um total de 4.054 que possuíam relação direta ou indireta com o mundo do trabalho, distribuídas por site conforme exposto na tabela 3.

Tabela 3

Quantidade de notícias por site

Site	Quantidade de notícias
Folha de São Paulo	1.854
Globo	753
Yahoo	696
The New York Times	433
Uol	318
Total	4.054

Fonte: Elaborada

pelos autores.

O nosso *corpus* foi formado por um total de 4.054 notícias. Tendo em vista o nosso objetivo de pesquisa, o *corpus* nos auxiliou na construção de temáticas para formar a nossa agenda de pesquisa. Após a seleção inicial, realizamos a leitura completa de todas elas, visando criar uma análise temática a partir do que foi levantado. Segundo Braun e Clarke (2006), a análise temática é um método utilizado para identificar e analisar padrões relacionados aos dados. Inicialmente, definimos que para cada notícia seriam criados de um a quatro temas, gerais e/ou específicos, tendo em vista o fato de que uma mesma notícia poderia abranger diferentes aspectos. Dessa forma, uma mesma notícia pode ter mais de um tema associado a ela. Ressaltamos que definimos os temas com base em seus significados tanto explícitos quanto implícitos. Após esta etapa, a fim de constituirmos um *corpus* minimamente manipulável, reunimos todos os temas semelhantes com o objetivo de criarmos categorias que os agrupassem.

A partir da leitura do *corpus*, inicialmente surgiram 133 temáticas dentro de 21 categorias. Em seguida, excluímos 9 categorias e temas associados que não se relacionavam com o nosso interesse de pesquisa. Dessa forma, padronizamos e consolidamos os temas em torno de 108 temáticas dentro de 12 categorias.

Figura 1

Processo de tematização e categorização



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dessa forma, seguimos a seguinte lógica para análise do material, adaptado de Braun e Clarke (2006): leitura inicial para buscar padrões de significados; geração de temas iniciais; agrupamento de temas potenciais; criação de categorias; análise para verificarmos se os temas atendiam ao nosso objetivo de pesquisa; geração de definições para as categorias e estabelecimento dos nomes finais dos temas associados às respectivas categorias.

Categorias emergidas: para onde as notícias nos levaram

Nesta seção iremos descrever as categorias que criamos a partir da pesquisa realizada e os principais temas associados a essas categorias. Tendo em vista a grande quantidade de temas encontrados, não cabe aqui a descrição dos 108 temas, dessa forma, optamos apresentar, no Quadro 1, apenas os temas que se relacionam com a formação da nossa agenda de pesquisa ou que representam tendências associadas ao mundo do trabalho, e por impactarem diretamente os trabalhadores.

Tendo em vista o propósito deste artigo e o escopo do nosso grupo de pesquisa, de partir de uma perspectiva em que o trabalhador e suas lutas devem ter

centralidade nos estudos, o nosso olhar se voltou para as categorias que se relacionavam diretamente com os impactos da pandemia para os trabalhadores e trabalhadoras. Além disso, consideramos notícias sobre a realidade política e econômica, que tem aprofundado as desigualdades sociais e provocado impactos diretos no mundo do trabalho. Desta forma, ao delimitarmos o nosso olhar, consideramos doze categorias, conforme descritas no quadro 1.

Quadro 1

Categorias temáticas emergidas

Nº	Categorias	Descrição e principais temas associados	Síntese dos temas
1	Condições de Trabalho	Neste tópico consideramos as situações relacionadas com: a saúde física e mental do trabalhador; jornada de trabalho, violência no trabalho (ex.: trabalhadores sendo agredidos por solicitarem a utilização de máscaras); ausência de Equipamento de Proteção Individual (EPI) e falta de segurança nos respectivos ambientes de trabalho; remuneração atrasada e ausência de medidas de proteção para prevenir o vírus.	<ul style="list-style-type: none"> - Saúde física e mental do trabalhador; - Violência no trabalho; - Condições inadequadas de trabalho; - Jornada de trabalho; - Organização do tempo e rotina.
2	Organização Política dos Trabalhadores	Referimo-nos tanto a representação sindical, que foi fundamental para intervir nas condições de trabalho, e o não cumprimento da legislação durante o período da pandemia, como também as reivindicações gerais dos trabalhadores dentro das próprias organizações. Destacamos aqui a emergência de movimentos reivindicatórios articulados através dos espaços virtuais, alguns desses movimentos se caracterizaram por serem organizados pelos próprios trabalhadores, sem a intermediação dos sindicatos ou categorias relacionadas.	<ul style="list-style-type: none"> - Mobilização coletiva; - Reivindicações; - Sindicatos.
3	Lógica capitalista	Esta categoria representa notícias relacionadas com as desigualdades provocadas pelo nosso sistema de produção e que se tornaram ainda mais evidentes durante o período da pandemia. Desta forma, visamos englobar nessa categoria o constante discurso que coloca a economia em oposição à saúde e aos trabalhadores, e também as contradições do capital que se intensificaram durante o período,	<ul style="list-style-type: none"> - Contradições do capital; - Pandemia de gênero, classe e raça; - Práticas discursivas hegemônicas (economia <i>versus</i> trabalhadores); - Desigualdade social; - Mercantilização da vida e do trabalho; - Valores neoliberais.

		como: “riqueza dos bilionários aumenta durante a pandemia” ⁵ , fato que impacta diretamente nos mais pobres, atingindo com maior intensidade a América Latina e os países mais pobres (ILO, 2020c). Ademais, essa categoria evidencia a racionalidade econômica e seus valores relacionados.	
4	Direitos trabalhistas, Precarização e Flexibilização das Relações Trabalhistas	Os temas relacionados a essa categoria englobam desde aspectos trabalhistas, como o aumento de processos trabalhistas no judiciário, medidas que permitiram a redução da jornada e salários dos trabalhadores, <i>gig economy</i> e uberização do trabalho. As temáticas associadas nos evidenciam que a precariedade está por toda parte (Bourdieu, 1998), como terceirização, pejotização, informalidade, intensificação do trabalho e flexibilização das relações trabalhistas como um todo.	<ul style="list-style-type: none"> - Flexibilização do trabalho e das relações trabalhistas; - Precarização; - Intensificação do trabalho; - Uberização; - Terceirização e pejotização. - Discursos sobre empreendedorismo e “oportunidade” na crise; - Informalidade; - Direitos trabalhistas.
5	Grupos de Trabalhadores	Aqui se enquadra a nossa categoria mais ampla, em que são representadas as diversas categorias de trabalhadores que foram destacadas na mídia durante o período pesquisado. Envolve trabalhadores vulneráveis, trabalhadores essenciais, uberizados, informais, migrantes e imigrantes, trabalhadores considerados pela sociedade como invisíveis, entre outros. Além de uma clara divisão entre quem possui condições de ficar em casa e quem não possui, intensificando a divisão dos trabalhadores em classes.	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhadores da saúde; - Trabalhadores essenciais; - Trabalhadores vulneráveis; - Trabalhadores migrantes e imigrantes; - Domésticas; - Docentes; - Trabalhadores invisíveis; - Trabalhadores uberizados; - Trabalhadores temporários; - Trabalhadores telemarketing; - Trabalhadores idosos; - Trabalhadores de frigoríficos.
6	Poder e Controle	Esta categoria se refere a manifestações de poder e controle, além de práticas de Recursos Humanos (Rh) que se manifestam como mecanismos de controle, conforme colocado por Pagès, Bonetti, Gaulejac e Descendre (2006), a categoria também se relaciona com a pressão exercida para que os funcionários retornassem ao trabalho sob o risco de serem demitidos.	<ul style="list-style-type: none"> - Autonomia controlada - Manifestações de poder e controle

⁵ Recuperado em 19, outubro 2020 de: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/04/riqueza-de-bilionarios-dos-eua-aumenta-mais-de-meio-trilhao-de-dolares-durante-pandemia.ghtml>

7	O futuro do trabalho: tecnologia e automação	Aqui nós encontramos as principais tendências relacionadas com o mundo do trabalho: trabalho remoto e capitalismo de plataforma. Esta categoria também se relaciona com a automação, seja na indústria, na educação ou na área de serviços. A automação tem criado formas de organização do trabalho, neste sentido, também emerge nesta categoria questões relacionadas com futuro do trabalho, economia digital e capitalismo de plataforma. Se destacam aspectos relacionados com a vigilância digital, que parece ter sido intensificada durante a pandemia.	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho remoto; - Futuro do trabalho; - Economia digital; - Vigilância digital; - Capitalismo de plataforma; - Indústria 4.0; - Educação 4.0.
8	Subjetividade do trabalhador	Esta categoria trata da relação entre o trabalhador e o trabalho a partir de um enfoque individual e subjetivo, se relaciona com a atribuição de sentidos ao trabalho, medo e incerteza, trabalhos substantivos e racionalidade substantiva. Tem destaque nessa categoria o tema "medo", que está relacionado com o medo de perder o emprego, ser infectado, mas também a falta de perspectivas, sentimentos que parecem terem sido evidenciados durante o período de pandemia. As temáticas relacionadas aos trabalhos substantivos e racionalidade substantiva referem-se a ações baseadas em uma concepção substantiva da razão, que não são realizadas visando um resultado posterior.	<ul style="list-style-type: none"> - Sentidos do trabalho; - Medo; - Trabalhos substantivos e racionalidade substantiva; - Trabalho voluntário; - Filantropia;
9	Diversidade, Gênero e Raça	Esta categoria representa a intensificação das desigualdades com a pandemia, que atinge de forma mais intensa a categoria de trabalhadores composta por mulheres, negros e LGBTQI+. Aqui entram questões relacionadas com a intensificação do trabalho para as mulheres, menores salários, empregos precários e violência doméstica, desigualdade de gênero e sexual e racismo estrutural.	<ul style="list-style-type: none"> - Gênero; - Raça; - Diversidade e LGBTQI+
10	Estado e Trabalhadores	Aqui se refere tanto a medidas tomadas pelo Estado para reduzir os impactos negativos da pandemia, assim como as situações em que o Estado não atuou para proteger os trabalhadores e os cidadãos. Ademais, o destaque desta categoria trata da importância do papel do Estado e a necessidade de prosseguirmos nos debates relacionados a renda básica universal e o Estado de Bem-Estar Social.	<ul style="list-style-type: none"> - Papel do Estado; - Renda básica universal; - Servidores públicos; - Crise política e corrupção; - Garantias e proteção ao trabalhador;

11	Novas formas de organização social e econômica	Categoria representada por temas que se relacionam com a necessidade de uma nova forma de pensar o modo de produção capitalista, como a proposta do <i>Green New Deal</i> .	- Redes colaborativas e economia colaborativa; - <i>Green New Deal</i> ;
12	Discursos e Práticas do RH	Categoria representada pelos temas relacionados com a área de Recursos Humanos, como cultura organizacional, produtividade e a necessidade de novas competências. Neste tópico se destacam as notícias relacionadas a intensificação da utilização da tecnologia da informação nas práticas de RH, como Recrutamento e Seleção on-line.	- RH digital; - Produtividade e Inovação; - Aprendizagem e desenvolvimento; - Novas competências; - Cultura organizacional.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As categorias temáticas apresentadas representam o contexto geral das notícias levantadas e nos mostram os diversos aspectos relacionados ao mundo do trabalho, de aspectos objetivos a subjetivos, de situações opressivas a situações de resistência, da racionalidade econômica dominando as demais esferas sociais ao trabalho sendo realizado com base na racionalidade substantiva. Desta forma, foi possível percebermos a centralidade da categoria trabalho em nossa sociedade e, daí, buscamos compreender, como mostra o próximo tópico, como o trabalho e a figura do trabalhador são representados através das notícias. Para tanto, selecionamos algumas notícias representativas das temáticas com o intuito de prosseguirmos na nossa descrição e análise dos temas.

O QUE NOS CONTAM SOBRE O MUNDO DO TRABALHO NO CONTEXTO DA COVID-19?

A partir das categorias gerais elencadas acima, escolhemos aqueles temas que representam tanto nossos interesses de pesquisa quanto situações que atingem diretamente o trabalhador, a saber: condições de trabalho; grupo de trabalhadores; subjetividade do trabalhador; direitos trabalhistas, precarização e flexibilização das relações trabalhistas; futuro do trabalho: tecnologia e automação; e organização política dos trabalhadores. Nessa análise, priorizamos a parte mais vulnerável na relação de trabalho, no caso, o trabalhador.

Selecionamos os temas não necessariamente por conta do número de ocorrências, mas também por conta dos nossos interesses, “um tema não é necessariamente dependente de medidas quantificáveis, mas em termos de saber se ele capta algo importante em relação à questão global de investigação” (Braun & Clarke, 2006, p. 9).

Disto tudo, elaboramos um panorama dessas categorias com o intuito de formarmos nossa agenda de pesquisa e trazemos alguns casos ilustrativos de notícias que se destacaram no contexto da Covid-19 e o mundo do trabalho e que, por sua vez, podem contar melhor sobre as categorias emergidas e os temas associados. Não pretendemos abordar cada tema de forma detalhada, visto que este não é o objetivo desse artigo, mas apresentar um recorte de como ele se manifestou, buscando entendê-los a partir do seu contexto histórico e social. A seguir estão as categorias temáticas que orientaram a análise de dados acessados e que optamos por apresentar porque podem ser de interesse para outros tantos pesquisadores e grupos de pesquisa.

Condições de trabalho

As condições de trabalho englobam diversos aspectos, como ambiente físico, salários, jornada, segurança, saúde mental e física do trabalhador. Neste tópico iremos abordar as condições de trabalho em um contexto geral, apresentando as diversas temáticas tratadas pelas notícias classificadas nesta categoria: falta de equipamentos de proteção individual e de itens de proteção à saúde, como álcool em gel e máscaras; salários atrasados e baixa remuneração; condições ambientais inadequadas; intensificação da carga horária; sobrecarga mental; e violência no trabalho. Neste contexto, algumas categorias de trabalhadores se destacaram, como os trabalhadores da área da saúde, trabalhadores de frigoríficos, motoristas de ônibus, motoristas de ambulância, maqueiros, coveiros e caixas de supermercado. Esses trabalhadores vivem em uma situação paradoxal, ao mesmo tempo que são considerados essenciais diante do contexto

da Covid-19 não possuem condições adequadas de trabalho e correm grande risco de serem contaminados. Segundo a *International Labour Organization* (2020d), a carga de trabalho dos profissionais que estão na linha de frente tende a se intensificar e o contexto ainda pode ser agravado por conta das possibilidades de redução de funcionários, que adoeceram ou ficaram de quarentena, aumentando os níveis de estresse e carga de trabalho. Um assunto emergido das notícias que nos chamou a atenção foi a violência contra trabalhadores, profissionais da área da saúde sendo hostilizados por serem considerados transmissores do vírus, caixas de supermercado sendo agredidos por solicitarem aos clientes a utilização de máscaras de proteção, esses trabalhadores correm o risco de serem estigmatizados socialmente, além de estarem mais expostos à violência, que pode se intensificar durante uma pandemia (ILO, 2020d). Segue quadro 2 com a descrição das notícias que exemplificam essa realidade:

Quadro 2

Algumas notícias associadas com a categoria temática condições de trabalho

Condições de trabalho	
Tema	Notícias associadas
Condições de trabalho inadequadas	Em Santa Catarina, 90 trabalhadores de um mesmo frigorífico foram contaminados; Trabalhadores que atuam no McDonald's entraram com uma ação coletiva por conta da falta de proteção frente à Covid-19; No Rio de Janeiro, profissionais da saúde reclamam da falta de equipamentos de proteção individual. Terceirizados do Hospital das Clínicas protestam por falta de salário e EPI's.
Violência contra trabalhadores	Pessoas tosse e cospem de propósito nos trabalhadores; Profissionais de saúde relatam agressões no caminho dos hospitais.

Nota: Links nas respectivas notícias.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Essas situações exemplificadas acima nos provocam algumas reflexões, como: Quais os impactos das condições de trabalho para diferentes categorias de profissionais no contexto da Covid-19? Quais os fatores sociais e estigmas estão relacionados com a violência contra trabalhadores durante a pandemia?

Conforme apontam Faria e Meneghetti (2007a), a violência no ambiente de trabalho se relaciona com a exploração e dominação. “As configurações psicológicas, sociais, econômicas e políticas que sustentam a gestão do processo de trabalho sob o capitalismo andam no caminho inverso da supressão da violência no ambiente de trabalho” (Faria & Meneghetti, 2007a, p. 377). As condições acima descritas não representam apenas uma situação pontual provocada pela pandemia, mas é um retrato da situação cotidiana desses trabalhadores. Segundo aponta Alves (2013, p. 142), “a ofensiva do capital na produção adquiriu um cariz sistêmico. A precarização do trabalho se caracterizou pela demissão incentivada, terceirização e degradação das condições de trabalho, salário e redução de benefícios e direitos trabalhistas”. Desta forma, precisamos entender a degradação das condições de trabalho não apenas como um reflexo imediato da pandemia, mas como o resultado do avanço neoliberal e enfraquecimento do poder estatal, processos intensificados a partir da década de 90 que atinge diretamente os trabalhadores, tornando-os ainda mais vulneráveis frente às reformas neoliberais. Isto posto, precisamos entender quem são esses trabalhadores vulneráveis e sua situação durante a pandemia.

Grupos de trabalhadores

A partir da categoria “grupos de trabalhadores” vamos focar naqueles que se encontram em uma situação maior de vulnerabilidade, dessa forma o tema “trabalhadores vulneráveis” se destaca nesse tópico. Segue o quadro 3 com algumas notícias associadas ao tema:

Quadro 3

Algumas notícias associadas com a temática grupos de trabalhadores

Grupos de trabalhadores	
Tema	Exemplos de notícias associadas
Trabalhadores vulneráveis	Coronavírus explicita a desigualdade social no Brasil; Empregadas domésticas sofrem na pandemia;

Trabalhadores informais	Informais no Rio esperam ajuda do Governo Federal; Trabalhadoras informais temem não ter como alimentar os filhos.
Trabalhadores invisíveis	Catadores de produtos recicláveis estão entre grupos de maior vulnerabilidade ao Coronavírus; Os invisíveis para o governo.
Trabalhadores imigrantes	Milhões de imigrantes não receberão auxílio do governo; Morte de imigrantes em frigorífico.

Nota: Links nas respectivas notícias.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebemos a partir das notícias exemplificadas acima que a pandemia atinge com maior impacto os trabalhadores que já se encontravam em uma situação de vulnerabilidade antes da Covid-19, esse grupo é representado principalmente pelos trabalhadores informais, autônomos, negros e negras, migrantes, imigrantes e trabalhadoras domésticas. Segundo o grupo de pesquisa da Universidade São Paulo, Rede de Políticas Públicas & Sociedade (2020a, p.1), “grupos vulneráveis são definidos tanto pela fragilidade / estabilidade das posições e vínculos como por características dos ramos de atividade e setores econômicos”. Conforme aponta o grupo de pesquisa, 81% da força de trabalho no Brasil está sujeita a algum tipo de vulnerabilidade. Diante do contexto da pandemia, os trabalhadores menos estáveis são os por conta-própria, empregados domésticos, funcionários sem carteira assinada e funcionários com carteira assinada que atuam nas micro e pequenas empresas, sendo os homens negros e mulheres negras um dos grupos mais vulneráveis (Rede de Políticas Públicas & Sociedade, 2020a, 2020b).

Os trabalhadores informais representam cerca de 61% da força de trabalho internacional e tornam-se ainda mais vulneráveis durante a pandemia (ILO, 2020d). O contexto brasileiro conta com 40% da força de trabalho na informalidade (IBGE, 2020a), no entanto, a crise atual trouxe novos vulneráveis para o cenário, àqueles trabalhadores que geralmente eram considerados mais estáveis, homens brancos e mulheres brancas com Ensino Superior Completo em setores essenciais ou não essenciais. Ainda assim, as desigualdades de raça e

gênero continuam fortemente evidenciadas (Rede de Políticas Públicas & Sociedade, 2020b).

A vulnerabilidade também se estende ao grupo de trabalhadores considerados como “invisíveis”, nesse grupo se encontram os trabalhadores que receberam o auxílio emergencial durante a pandemia e não se encontravam registrados no programa do Cadastro Único (CadÚnico), que busca identificar famílias de baixa renda no Brasil. Segundo Gonzalez, Barreira e Pereira (2020), dentre esses trabalhadores invisíveis, 55% possuem, no máximo, ensino fundamental e 64% atuam dentro da informalidade. Algumas notícias do nosso *corpus* indicaram outro grupo de trabalhadores considerado como “invisíveis”, que se relacionam com os trabalhadores atuantes nos serviços essenciais, mas que devido aos estigmas sociais são muitas vezes considerados invisíveis por uma parcela da sociedade, como os coveiros, maqueiros, coletores de lixo e porteiros, trabalhadores que são essenciais para além do contexto pandêmico, no entanto, não tem recebido o devido reconhecimento na nossa sociedade. As notícias que se relacionaram com esses trabalhadores apontaram para as condições de trabalho precárias e/ou sua situação de vulnerabilidade.

No contexto internacional, além dos trabalhadores já elencados acima como vulneráveis, se destacam os trabalhadores imigrantes, principalmente os afro-americanos e latinos, esses trabalhadores enfrentam múltiplos desafios que os tornam ainda mais vulneráveis no contexto da Covid-19. Os padrões de vulnerabilidade dos trabalhadores imigrantes frequentemente se encontram na interseção de classe e raça, com barreiras relacionadas ao idioma, relutância em pedir assistência, seja pela estigmatização ou medo de serem deportados, dificuldades ou falta de acesso aos programas de auxílio do governo, perda do emprego precário, menores possibilidades de continuarem trabalhando remotamente e descontinuidade dos programas de assistência básica (Guadagno, 2020).

A maioria dos trabalhadores elencados acima não tinham a opção de ficar em casa, somado a isso, se tornam ainda mais vulneráveis por conta da realidade social periférica em que se encontram inseridos. Nesse sentido, o isolamento social se torna ainda mais complicado, por conta da falta de infraestrutura e saneamento básico, falta de condições de higiene adequadas, grande quantidade de pessoas morando em uma única residência e a necessidade de utilizar diariamente o transporte público. Segundo Harvey (2020) há uma narrativa conveniente de que epidemias e pandemias não diferenciam classe social ou outras barreiras sociais, no entanto, a propagação do vírus e os maiores impactos sociais atingem com maior intensidade os contextos periféricos e se relacionam diretamente com classe, raça e gênero, a disseminação do vírus depende das vulnerabilidades existentes do nosso modo de produção capitalista.

Nesse contexto, há uma omissão do poder público no sentido de garantir direitos básicos a esses trabalhadores. Desta forma, a insegurança e o medo se tornam traços característicos dos trabalhadores, dos jovens desempregados e sem perspectivas, “a insegurança objetiva funda uma insegurança subjetiva generalizada” (Bourdieu, 1998, p. 73). As incertezas em relação a disseminação e controle do vírus e o distanciamento e isolamento social de milhões de pessoas em todo o mundo gerou insegurança e medo na população. Essa conjuntura nunca enfrentada impactou na saúde mental não apenas dos trabalhadores essenciais, mas também dos demais que precisavam cumprir com as suas atividades, mesmo que em uma rotina totalmente diferente como no trabalho remoto, em meio ao caos da pandemia, Ornell *et al.* (2020) levantaram a hipótese de uma “pandemia de medo e estresse”. A vulnerabilidade a que estão sujeitos esses trabalhadores relaciona-se diretamente com a precarização das condições de trabalho, a precariedade se trata de um projeto político, uma forma de dominação que submete os trabalhadores a “uma situação generalizada e permanente de insegurança” (Bourdieu, 1998, p. 75). A ausência de uma renda ou de uma poupança, o maior endividamento, o desemprego, incerteza sobre o futuro profissional, as recentes reformas da previdência e trabalhista conduzem à

insegurança quanto ao futuro (Santos, 2001). Desta forma, percebemos a fragilidade desses trabalhadores, seja pelo desemprego, dificuldades em ter uma renda fixa, trabalhos precários, impossibilidade de se manter em quarentena, maiores chances de contaminação ou fatores que os afetam tanto objetiva quanto subjetivamente.

A subjetividade do trabalhador

As principais temáticas que emergiram com relação a subjetividade do trabalhador se referiam aos sentidos atribuídos ao trabalho. O trabalho ocupa uma posição central na vida do indivíduo, sendo capaz de influenciar a sua identidade individual e coletiva e inserção social. A atribuição de sentido ao trabalho é formada por uma dimensão social e psicológica, por isso deve ser tratada dentro do que Pagès *et al.* (2006) chama de espaço sócio-mental, um sistema composto por relações de correspondência entre estruturas psicológicas e sociais. Segue o quadro 4 com alguns exemplos de notícias identificadas nessa categoria temática:

Quadro 4

Algumas notícias associadas com a categoria temática subjetividade do trabalhador

Subjetividade do trabalhador	
Tema	Exemplos de notícias associadas
Sentidos do trabalho	Funcionários de obra conciliam angústias e orgulho do trabalho; É como se a gente fosse o soldado indo atrás do inimigo.
Trabalhos substantivos	Ela trabalha para salvar da Covid mulheres que moram nas ruas no Rio;

Nota: Links nas respectivas notícias.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As notícias ligadas ao sentido do trabalho envolviam tanto o valor percebido pelo indivíduo no âmbito pessoal, quanto a importância daquele trabalho para a

sociedade, dimensões geralmente utilizadas por alguns autores para diferenciar sentido e significado, respectivamente, mas que incluímos em uma mesma temática. Entre essas notícias, se destacam os trabalhadores essenciais, que mesmo com medo e sem condições adequadas de trabalho continuavam a desempenhar suas atividades dentro de um senso de propósito. Não buscamos romantizar tal conduta frente a esses dois aspectos, ora já problematizados, mas evidenciar a construção do sentido do trabalho realizada por esses indivíduos. Notícias como cientistas que, apesar da sobrecarga de trabalho, relatam senso de missão e satisfação na busca de soluções para a Covid-19 e trabalhadores essenciais que compartilharam suas rotinas intensas e se comparavam a heróis, retratam bem essa amálgama de autorrealização, representação social do trabalho e o sentimento de pertencimento, de se enxergar como um ser atuante na dinâmica social.

Em uma das notícias compartilhadas pelo portal Yahoo, um caminhoneiro responsável por entregar suprimentos médicos afirmou: “sinto que estou trazendo algo que é mais do que apenas uma caixa. Está trazendo cura e esperança”⁶. Ele redefiniu a forma que enxergava a atividade que realiza para um trabalho significativo, que serve a um propósito importante, fenômeno tratado dentro do conceito de *job crafting*, proposto por Wrzesniewski e Dutton (2001), em que os indivíduos assumem um papel de protagonista e ressignificam o próprio trabalho. Assim, um mesmo emprego pode assumir sentidos distintos a depender da perspectiva do sujeito. Inúmeras notícias remetiam a essa reformulação de sentido, sobretudo de trabalhadores essenciais, como forma de lidar com as dificuldades encontradas para realizar o seu trabalho no contexto da pandemia.

⁶ Recuperado de 13, novembro 2020 de: <https://news.yahoo.com/essential-workers-show-why-theyre-222450885.html>

Podemos relacionar os aspectos que caracterizam os sentidos do trabalho com as racionalidades instrumental e substantiva. Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012) colocam o sentido substantivo do trabalho como aquele que, dentre outras coisas, contribui com a sociedade, possibilita a construção de relacionamentos, autorrealização, sentimento de vinculação e reconhecimento simbólico e não é interligado a compensação financeira do trabalho. Durante o surto do coronavírus, o trabalho do tipo substantivo, como o trabalho voluntário e *hobbies*, foi abordado pela mídia em notícias que relatavam a ação de indivíduos dedicando o seu tempo e habilidades em diversas atividades, visando diminuir os impactos econômicos e sociais sem obter nenhum retorno monetário e/ou desenvolvendo atividades manuais apenas por prazer. Percebemos o sentido substantivo dado ao trabalho em matérias que noticiavam: voluntários envolvidos, formal e/ou informalmente, na produção de equipamento de proteção individual para a doação, no auxílio em hospitais e no acompanhamento de pessoas que tiveram sua saúde mental abalada durante a quarentena; o desenvolvimento de plataformas que conectavam quem precisava de ajuda e quem estava disposto a ajudar, possibilitando o voluntariado on-line; e indivíduos que descobriram satisfação na pintura, no crochê e no bordado em meio a quarentena. Além disso, a busca de sentido no trabalho através da espiritualidade e da transcendência foi exposta como uma alternativa encontrada por indivíduos durante a pandemia.

Apesar do trabalho assumir diferentes significados e coexistirem racionalidade econômica e substantiva, há uma predominância da razão econômica, que acaba naturalmente por exercer maior influência nos sentidos atribuídos ao trabalho. “O sentido dado ao ato laborativo pelo capital é completamente diverso do sentido que a humanidade pode conferir a ele” (Antunes, 2009, p. 181). O trabalho para ter sentido, além da mera subsistência, precisa deixar de ser uma mercadoria. Ademais, em uma sociedade comandada pelo capital em que o trabalho é visto como mercadoria, a subjetividade do trabalhador se torna fragmentada (Faria & Meneghetti, 2007b). Ainda, segundo os autores, a nossa lógica econômica tende

a proporcionar pequenos prazeres que são capazes de sequestrar a subjetividade do trabalhador, para que desta forma, ele consiga enfrentar as condições de trabalho precárias que o atingem tanto fisicamente quanto psicologicamente.

DIREITOS TRABALHISTAS, PRECARIZAÇÃO E FLEXIBILIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO NO CONTEXTO DA COVID-19

As notícias que se enquadram nesse tema englobam diversos aspectos, como flexibilização das relações trabalhistas, redução de renda e da carga horária, intensificação do trabalho durante o período da pandemia, direitos trabalhistas e uberização do trabalho. Pretendemos apresentar um panorama desse contexto de precarização que tende a se agravar no contexto da crise sanitária. Podemos verificar através das notícias exemplificadas no quadro 5 situações que envolvem a precarização e flexibilização das relações de trabalho no contexto da Covid-19:

Quadro 5

Algumas notícias associadas com a categoria temática direitos trabalhistas, precarização e flexibilização das relações de trabalho

Direitos trabalhistas, precarização e flexibilização das relações de trabalho	
Tema	Exemplos de notícias associadas
Flexibilização das relações de trabalho	Em Juiz de Fora, 500 funcionários têm contratos de trabalho suspensos; 74% dos empregados da indústria automotiva têm contrato suspenso ou jornada reduzida; Brasil lidera redução salarial e de jornada de trabalho na América Latina.
Intensificação de carga horária	Funcionários de laboratórios relatam longa jornada Intensificação do trabalho dos jornalistas durante a pandemia
Pejotização	Aumento no número de candidatos que aceitam ser contratados como pessoa jurídica.
Uberização	Na pandemia, entregadores e Ubers viram soldados no front, mas sem direitos

Nota: Links nas respectivas notícias.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Flexibilização e Intensificação de carga horária

Com o objetivo de manter os empregos e evitar demissões em massa, durante a pandemia foram sancionadas no Brasil as Medidas Provisórias (MP) 927/2020 e 936/2020. A primeira possibilita que a negociação entre patrão e trabalhador se sobreponha aos demais instrumentos normativos, legais e negociais. Assim, foram autorizados o teletrabalho, férias antecipadas, antecipação de feriados e compensação de jornada por meio de banco de horas. Já a MP 936/2020 autorizou a redução proporcional de jornada e salário e suspensão dos contratos por até dois meses. Tendo em vista a redução salarial, a União custearia o restante do salário dos trabalhadores, que não poderiam ser demitidos no período da pandemia e nem no período posterior ao retorno do trabalhador, proporcional ao tempo que seu contrato ou salário permaneceu reduzido. No entanto, a compensação financeira integral só ocorrerá para quem ganha o salário-mínimo, para os demais, possivelmente haverá perda de renda.

Nesse contexto, os empregadores podem negociar diretamente com os trabalhadores ou com os sindicatos, podemos notar essa situação através de notícias como: funcionários da área administrativa da empresa Cherry aprovam redução de jornadas e salários; trabalhadores que atuam no transporte coletivo de Londrina aprovam proposta para redução salarial e de jornada; e funcionários da empresa área Gol aprovam redução salarial. No entanto, ressaltamos que nessa relação assimétrica de poder não existem muitas escolhas para o trabalhador, visto que este deseja manter seu emprego. Assim, é uma negociação em que as regras do jogo já estão previamente definidas, conforme pontua Pagès *et al.* (2006), ou se aceita a regra ou pede demissão.

Assim como todos os tópicos abordados neste artigo, devemos entender a flexibilização e a precarização das relações de trabalho para além da situação de pandemia, visto que são resultado de um processo histórico das reestruturações produtivas do capital. No Brasil, a flexibilização remonta a década de 60,

conforme aponta Pochmann (2016), quando houve a implantação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e a consequente extinção da estabilidade no emprego. Esse processo de flexibilização trabalhista tem se intensificado nas duas últimas décadas, tanto no nosso contexto periférico quanto nos países centrais do capitalismo. A flexibilização cria um paradigma de exploração à classe trabalhadora, a lógica do mundo dos negócios invade as decisões referentes às normas sociais e trabalhistas, fato que seria capaz de desconstruir direitos do trabalhador (Pochmann, 2017).

Apesar de muitos trabalhadores terem perdido seus empregos ou terem sua jornada de trabalho reduzida, também ocorreu a intensificação da carga horária de trabalho para algumas categorias, como os trabalhadores da área da saúde (Luz *et al.*, 2020), entregadores via aplicativos (Abílio *et al.*, 2020), jornalistas e comunicadores (Figaro, 2020), trabalhadores que aderiram ao trabalho remoto (Bridi, Bohler & Zanoni, 2020), professores e principalmente para as mulheres, (Zanoni, Bezerra & Bridi, 2020) que tiveram suas jornadas intensificadas por conta das desigualdades relacionadas a divisão do trabalho doméstico. Bridi, Bohler e Zanoni (2020) realizaram uma pesquisa para compreenderem as condições de trabalho durante a pandemia de Covid-19, os pesquisadores conseguiram um total de 906 respostas válidas e alguns dos resultados apontam para um aumento de horas e dias da semana trabalhados no contexto do trabalho remoto. Nesse cenário, houve um aumento de trabalhadores que executam suas atividades por mais de oito horas diárias, ainda, 48,45% dos respondentes afirmaram que o ritmo de trabalho foi intensificado. Para Dal Rosso (2008) a intensificação do trabalho ocorre a partir da década de 80 e possui relação com a forma que o trabalho é realizado. Para o autor, a maior intensidade no trabalho envolve aspectos físicos, intelectuais e psíquicos e acaba por produzir um maior desgaste mental e físico no trabalhador. A intensificação e flexibilização, no sentido aqui abordados, trata-se de um processo estrutural de precarização que vem ocorrendo há décadas. Segundo aponta Alves (2013) a flexibilização adquire múltiplas perspectivas no modo de produção capitalista, no

entanto, é a flexibilidade referente a força de trabalho, que se relaciona com a legislação e regulamentação, que continua sendo estratégica para permitir a acumulação do capital. Alves (2013) ainda acrescenta que a precarização do trabalho vai além do sentido de tratar o trabalho como mercadoria, mas representa a precarização do homem-que-trabalha, no sentido de desconstituir o ser genérico do homem.

Pejotização

Conforme as notícias levantadas, houve um aumento no número de candidatos que aceitam ser contratados como pessoa jurídica. Em muitos casos, esse fenômeno pode se configurar em uma prática ilegal denominada pejotização, que se constitui em um instrumento utilizado pelas empresas com o intuito de mascarar a relação de emprego. Nesse sentido, é imposto ao trabalhador como condição para a contratação que se registre como Pessoa Jurídica (PJ), o trabalhador passa a prestar serviços como um Microempreendedor Individual (MEI), possibilitando menores custos ao contratante no que tange aos encargos trabalhistas e fiscais (Barbosa & Orbdem, 2015). Essa situação foi possibilitada, dentre outros, pela Reforma Trabalhista Brasileira representada pela Lei 13.467/2017, a qual insere a figura do autônomo exclusivo, que é aquele trabalhador que presta serviços para um único empregador de forma contínua, sem estabelecimento de vínculo empregatício.

Cabe ressaltarmos que durante a pandemia houve um aumento no número de MEIs, segundo dados publicados no site do Governo Federal, o Brasil durante a pandemia ultrapassou a marca de 10 milhões de Microempreendedores individuais (MEIs).⁷ É importante termos um olhar crítico para o que pode estar por trás desses números, visto que, diante de um cenário constante de crise

⁷ Recuperado em 06, novembro 2020 de: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/abril/brasil-ultrapassa-a-marca-de-10-milhoes-de-microempreendedores-individuais-meis>

econômica e agora de crise sanitária, esse aumento pode representar apenas um reflexo dos altos índices de desemprego e de falta de alternativas. No contexto pós-pandemia devemos nos questionar: A pejotização será ampliada? Quais seriam as categorias profissionais mais ameaçadas pelo processo de pejotização? Essas novas modalidades de contratação “não podem ser atribuídas a eventual rigidez do mercado de trabalho, mas fundamentalmente como possibilidade de oferecer aos empregadores formas mais baratas de contratar a força de trabalho” (Krein *et al.*, 2017, p.2). Nesse mesmo contexto, se inserem os terceirizados, trabalhadores intermitentes, os informais e uberizados, que representam trabalhadores que possuem menos proteção social e direitos trabalhistas. Tendo em vista o contexto brasileiro em que as formas atípicas de trabalho são a regra e não a exceção, que tipo de panorama podemos traçar no pós-pandemia? Não teremos mais emprego, apenas empreendedores? Essas perguntas nos conduzem ao próximo tópico.

Uberização

Nesse contexto de precarização e flexibilização emergem novos fenômenos relacionados com o mundo do trabalho, como a uberização do trabalho, que representa uma nova forma de gerenciamento, organização e controle do trabalho através da utilização de algoritmos (Abílio, 2019). Os trabalhadores uberizados representam os trabalhadores temporários, “sob demanda”, que atuam via plataformas digitais, enquadrados como autônomos e são responsáveis pelo gerenciamento da própria produtividade, jornada de trabalho, custos e riscos decorrentes do trabalho, enquanto o lucro é apropriado pela empresa. O entendimento da uberização deve ocorrer a partir dos inúmeros processos que se relacionam com a diminuição do papel do Estado, novas formas de gerenciamento e controle, “além de modos de subjetivação que hoje vêm sendo associados ao empreendedorismo” (Abílio, 2019, p. 2).

O discurso neoliberal afirma que para atuar no contexto atual é necessário trabalhadores adaptáveis, flexíveis, autônomos, proativos e empreendedores de si mesmos, trabalhadores cada vez mais individualizados e fragmentados. Essa forma de trabalho que já estava em plena expansão no período anterior à pandemia, acabou sendo impulsionada pelo contexto da Covid-19 por conta da facilidade de adesão às plataformas, desemprego elevado e ausência de outras opções de renda. Nesse cenário, podemos observar através das notícias a precariedade a que estão submetidos esses trabalhadores, muitas vezes mascarada de “empreendedorismo”. Nesse contexto, a valorização da individualidade e a responsabilização do indivíduo pelo seu sucesso ganham força, há nesse sentido, uma transferência de responsabilidade do Público e Privado para o indivíduo, essa transferência do risco para os trabalhadores se constituem em um dos principais traços que caracterizam a uberização. “Desse modo, o precário naturaliza-se na esfera do trabalho à medida que esse discurso é assimilado pelos trabalhadores como a resposta mais adequada para o desemprego estrutural” (Magno & Barbosa, 2011, p. 135). Nesse sentido, não podemos compreender a uberização como um fenômeno isolado, ela é fruto das reestruturações produtivas do capital, que mesclam características tanto do taylorismo quanto do toyotismo, e é alimentada através de discursos que normalizam a precarização do trabalho e o individualismo.

Futuro do trabalho: tecnologia e automação

Diante da necessidade de isolamento social provocada pela pandemia, a tecnologia permitiu que inúmeros trabalhadores continuassem exercendo suas atividades em suas casas, muitos pequenos negócios só foram mantidos por conta das vendas realizadas através da internet, estudantes tiveram aulas através de plataformas digitais, professores precisaram desenvolver novas competências para se adequarem à nova realidade técnico-informacional, relacionamentos sociais foram mantidos por meio das redes sociais, artistas tiveram que se reinventar e realizar suas apresentações através das “lives” e

consumidores intensificaram as compras através da internet. Já ocorreram outras pandemias na história, mas nenhuma das anteriores se desenvolveu em um contexto de globalização e de tecnologias que permitem remodelar todo o contexto social, político e organizacional. Nesse sentido, vamos observar no quadro 6 exemplos de notícias que constituem essa temática:

Quadro 6

Algumas notícias associadas com a categoria temática futuro trabalho: tecnologia e automação

Futuro do Trabalho: Tecnologia e Automação	
Tema	Exemplos de notícias associadas
Trabalho remoto	O trabalho remoto está se tornando o novo normal; Home-Office pode chegar a 22,7% das ocupações nacionais; Profissionais ansiosos e estressados trabalhando em casa; O que fazer para não acabar com sua coluna no home-office.
Capitalismo de plataforma	Insegurança dos motoristas da Uber e Lyft; A vulnerabilidade dos gigworkers; Motoristas de aplicativos tem queda de até 80% no número de corridas; Entregador de aplicativo percorre Marginal Tietê com 4 mochilas empilhadas na motocicleta

Nota: Links nas respectivas notícias.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir dos diferentes aspectos exemplificados acima devemos nos questionar: como fica o mundo do trabalho, qual caminho seguiremos no pós-pandemia? Todas as categorias profissionais se tornarão uberizadas? Vivemos um momento em que desenvolvemos tecnologias que podem ser utilizadas para diminuir desigualdades, que permitem que o trabalhador tenha menores jornadas de trabalho e possa usufruir de maior tempo livre. No entanto, ao olharmos para a realidade, esse não tem sido o caminho tomado pela nossa sociedade, conforme aponta Santos (2001, p. 118) “a promessa de que as técnicas contemporâneas pudessem melhorar a existência de todos caem por terra e o que se observa é a expansão acelerada do reino da escassez, atingindo as classes médias e criando mais pobres”. Segundo Antunes (2018), surgiram inúmeras narrativas de que as TIC’s livrariam os trabalhadores de todo sofrimento, no entanto, a realidade não

corroborar com essa afirmação, em vez do fim do trabalho promovido pela tecnologia, temos evidenciado um aumento do proletariado digital que foi ampliado a partir das novas tecnologias que permitiram a criação de novas formas de trabalho. “No capitalismo avançado, a produção tende a ser cada vez mais invadida por robôs e máquinas digitais, encontrando nas TIC’s o suporte fundamental dessa nova fase de subsumção real do trabalho ao capital” (Antunes, 2018, p. 38).

A partir do exposto, se faz necessário compreendermos a emergência de novas tecnologias a partir da lógica do capitalismo, quem possui a tecnologia mais desenvolvida e dinâmica vai liderar as outras nações e povos (Harvey, 2020). Dessa forma, a pandemia torna mais evidentes os elementos estruturantes do capitalismo periférico (Abílio, 2020b). Nesse sentido, a tecnologia deve ser compreendida dentro do contexto histórico em que se encontra inserida. Os impactos, desafios e soluções tecnológicas devem ser analisados levando-se em consideração o contexto de países periféricos, visto que nesses países os impactos tecnológicos no mundo do trabalho podem assumir contornos muito diferenciados em comparação aos países centrais do capitalismo. Essa nova dinâmica do capitalismo baseada na economia digital está se transformando em um modelo hegemônico, que produz impactos na conformação das cidades, na forma como as pessoas fazem negócios, nas condições de trabalho e na forma de atuação estatal (Kalil, 2020). A tecnologia da informação remodela as formas de trabalhar, o trabalho remoto e os trabalhadores via plataformas digitais são exemplos dos impactos da tecnologia no mundo do trabalho, essas modalidades de trabalho foram amplificadas na pandemia.

Trabalho remoto

A maior parte das notícias encontradas se relacionavam com o trabalho remoto, a partir dessa temática podemos analisar o tema sob diversas perspectivas e categorias profissionais: produtividade; tempo de trabalho; controle; custos

transferidos ao trabalhador; subjetividade; saúde física e mental; jornada dupla; gênero; desigualdades; remodelação dos ambientes de trabalho; docentes; servidores públicos; empregados privados; trabalhadores da indústria cultural; e jornalistas. Muito se especulou a respeito da consolidação do trabalho remoto no período pós-pandemia, mas ainda não sabemos como ocorrerá, tendo em vista que ainda estamos enfrentando o vírus. No entanto, acreditamos que esse trabalho se consolidará para àqueles trabalhadores que podem executar suas atividades de casa, desde que isso represente aumento de produtividade. O trabalho remoto precisa ser compreendido levando em conta as diferenças e desigualdades regionais, visto que não são todos os trabalhadores que podem executar suas atividades remotamente, segundo dados levantados por Goés, Martins e Nascimento (2020) para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), quanto maior a renda *percapita* dos estados brasileiros, maiores serão as possibilidades dos trabalhadores daquele estado executarem suas atividades de forma remota. Em setembro de 2020, havia 7,9 milhões de pessoas trabalhando remotamente (IBGE, 2020b).

Segundo aponta os pesquisadores Bridi, Bohler e Zanoni (2020), a maioria dos trabalhadores que responderam à pesquisa indicaram que há uma maior qualidade no trabalho executado de forma presencial e 52% dos respondentes afirmaram que tiveram que desembolsar recursos próprios para executarem suas atividades remotamente, ou seja, nos casos em que não há um acordo contratual previamente estabelecido, os custos relacionados com a adesão ao trabalho remoto acabam sendo assumidos pelo trabalhador. Ainda segundo a pesquisa, dentre as maiores vantagens identificadas pelos trabalhadores no trabalho remoto se aponta a flexibilidade de horários, não ter que enfrentar trânsito e menores preocupações com a aparência física. Dentre as maiores dificuldades, estão a falta de contato com os colegas de trabalho, maiores interrupções, dificuldades em separar vida pessoal e familiar e demandas de trabalho em qualquer horário e dia da semana. Esse último aspecto merece destaque, visto que nos parece, a partir da pesquisa supracitada e das notícias encontradas no

nosso levantamento, que a divisão entre tempo de trabalho e tempo livre tem se tornado cada vez mais porosa (Gaulejac, 2007). “Trata-se de obter uma disponibilidade permanente para que o máximo de tempo seja consagrado à realização dos objetivos fixados, (...) o trabalhador não é desapossado do seu tempo pessoal, mas possuído pelo seu tempo de trabalho” (Gaulejac, 2007, p. 110-113). Dessa forma, o horário rígido e o espaço não se constituem mais em um requisito para o trabalho.

Com base no exposto, a partir das notícias levantadas por nós e das pesquisas apresentadas, parece haver dificuldades por parte dos trabalhadores no gerenciamento do tempo de trabalho. Outro contexto que devemos observar relacionado com o trabalho remoto é o controle organizacional, que tem assumido formas cada vez mais invisíveis através da utilização de algoritmos, criando um espécie de panóptico digital (Bessi, Ximmer & Grisci, 2007) em que os trabalhadores não sabem quando e nem por quem estão sendo vigiados, então se encontram em um estado de autovigilância permanente. A pandemia impulsionou o trabalho remoto que provavelmente se consolidará para inúmeros trabalhadores. Não podemos entender essa modalidade de trabalho de forma homogênea e isolada, diferentes contextos e estruturas produzem diferentes resultados, precisamos avaliar tantos os aspectos objetivos quanto subjetivos que impactam os trabalhadores que atuam nesse contexto.

Capitalismo de Plataforma - Trabalhadores via plataforma digital

Quando surge uma crise, o capitalismo tende a ser reestruturado. Novas tecnologias, formas organizacionais, novas modalidades e formas de exploração do trabalho e novos mercados emergem para criar uma nova forma de acumular capital (Srnieck, 2016). Desta forma, diante da maior crise sanitária do século XXI, que amplificou as desigualdades históricas provocadas pelo nosso modo de produção, suspeitamos que possa haver uma nova reestruturação produtiva do capital baseada na lógica das tecnologias e das plataformas digitais. Uma das

tendências identificadas por nosso grupo de pesquisa foi justamente a possível expansão e consolidação do denominado capitalismo de plataforma no pós-pandemia. Nossas impressões iniciais se basearam nas leituras de notícias que demonstraram uma intensificação dos discursos hegemônicos sobre empreendedorismo, altos índices de desemprego e uma situação político-econômica cada vez mais instável. Nesse contexto, as plataformas digitais se apresentam como uma solução rápida para gerar renda, no entanto, os trabalhadores que atuam via plataformas possuem cada vez menos direitos, pouco controle sobre sua remuneração e tempo de trabalho (Abílio, 2020a). Segundo a autora, esses trabalhadores permanecem à disposição das empresas aguardando um chamado, podendo ser considerados trabalhadores *just-in-time*. Segundo Scholz (2017), esse modelo de capitalismo não seria apenas uma continuação do capitalismo pré-digital, ele representa novas formas de exploração e concentração da riqueza, denominada pelo autor como uma “espoliação da multidão”, que seria uma forma de exploração global de milhões de trabalhadores em tempo real. Srnieck (2016) corrobora com o autor ao considerar que a economia de plataformas representa mudanças significativas na forma de atuação das empresas capitalistas. Através da tecnologia digital, as plataformas surgem como meios para liderar e controlar as indústrias, direcionando como o resto do setor opera. Nesse sentido, representam a nova lógica hegemônica e, conforme discutido por Srnieck (2016), as plataformas não são apenas meras proprietárias de informações, elas estão se tornando donas da infraestrutura da sociedade.

As plataformas representam infraestruturas digitais que se posicionam como intermediárias entre seus usuários, elas são organizadas através de algoritmos que utilizam diferentes formas de extração de valor (Srnieck, 2016; Grohmann & Qiu, 2020). O trabalho realizado através das plataformas pode se caracterizar de duas formas, conforme aponta De Stefano (2016), *crowdwork* e *work-on-demand*. A primeira engloba trabalhadores que realizam tarefas por meio de plataformas *online* (Amazon Mechanical Turk, 99Designs), é executado *on-line* e

permite que clientes e trabalhadores operem de qualquer lugar do mundo. A segunda representa atividades tradicionais (ex.: transporte e limpeza), que são intermediadas por plataformas digitais (Uber, Ifood, Lyft), mas a execução do trabalho ocorre localmente. Em ambos os casos, os trabalhadores são vistos como autônomos, no entanto, não possuem o controle sobre o processo de trabalho, e podem, inclusive, ser bloqueados da plataforma, desta forma, possuem uma espécie de autonomia controlada. Esses trabalhadores assumem o ônus relacionado ao processo de trabalho, mas o bônus permanece com a empresa que se apresenta apenas como intermediadora nesse processo.

No contexto da pandemia do coronavírus observamos diversas notícias que apontam para as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores uberizados. No caso dos motoristas, menor número de corridas que provocaram uma queda na renda, aumento da jornada de trabalho e menor remuneração. Em relação aos entregadores, ausência de itens de proteção contra o coronavírus e entregador com quatro mochilas nas costas. Essas notícias exemplificam um pouco do que emergiu relacionado com os trabalhadores que atuam via plataformas digitais. A tão desejada autonomia e flexibilidade é um discurso muito atrativo, principalmente nos países periféricos que enfrentam altos índices de desemprego, no entanto, representa apenas uma forma de mascarar as relações de trabalho. Além disso, esses trabalhadores enfrentam a opacidade dos algoritmos, visto que é obscura a forma como é calculada a remuneração, os critérios utilizados para definir quem fica com os melhores trabalhos e de que maneira são avaliados os serviços prestados. Este cenário representa um dos maiores desafios para o mundo do trabalho pós-pandemia, a forma como o trabalho é organizado e gerido o torna cada vez mais individualizado, dificultando processos de organização. Ademais, muitos se veem como empreendedores, não reconhecem a situação de vulnerabilidade a que estão expostos e não se reconhecem enquanto classe.

Precisamos entender essas novas modalidades, desvendar o que está por trás do discurso do “empreendedorismo” e “autonomia”, e compreender que a tecnologia por trás dessas plataformas não é neutra, ela representa os interesses da classe dominante e dos oligopólios que estão sendo formados no capitalismo de plataforma. “As condições de trabalho daqueles que dependem da plataforma são precárias e a forma pela qual os algoritmos e plataformas operam criam uma acentuada assimetria de poderes entre as empresas e os trabalhadores” (Kalil, 2019, p. 302-303). O autor ainda indica que no contexto do trabalho de plataforma, quanto maior a dependência financeira do trabalhador destas plataformas, maior será a precariedade do trabalho (Kalil, 2019). A plataformização do trabalho se relaciona diretamente com a raça, gênero e classe, desta forma, há uma ampliação das desigualdades nesse contexto de trabalho (Grohmann & Qiu 2020), que provavelmente se ampliarão no pós-pandemia.

Ao analisarmos o que foi exposto acima, nos parece que os impactos da tecnologia da informação no futuro do trabalho e da sociedade nos levarão a uma distopia, no entanto, não podemos tomar o futuro como certo. A lógica econômica hegemônica e as tecnologias foram construídas historicamente, então podem ser desconstruídas com o objetivo de construirmos outras racionalidades, mas o que impede essa desconstrução? E como construir o novo? A tecnologia pode ser utilizada tanto para precarizar quanto para empoderar, tanto para intensificar as desigualdades como para distribuir renda, tanto para reforçar a lógica instrumental quanto para criar outros tipos de racionalidades, tanto para oprimir quanto resistir.

Organização política dos trabalhadores

Durante a pandemia de Covid-19 inúmeros trabalhadores não puderam seguir o isolamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde e pelos governos, por serem considerados trabalhadores essenciais ou por não terem

condições financeiras para se manterem em isolamento, necessitando buscar alternativas de renda. Em ambos os casos, mesmo sob risco de contaminação, esses trabalhadores continuaram executando seus trabalhos para que o sistema social e econômico não fosse paralisado. Na linha de frente de combate ao vírus, encontramos os funcionários de supermercados, entregadores, trabalhadores dos correios, cozeiros, trabalhadores da área da saúde, policiais, coletores de lixo, operários de indústrias essenciais, motoristas de ônibus, caminhoneiros, porteiros e dentre tantos outros trabalhadores essenciais que continuaram ativos para sustentar a sociedade e permitir que a população ficasse em casa.

Dessa forma, muitos trabalhadores ganharam maior visibilidade durante a pandemia, mas essa visibilidade não veio necessariamente acompanhada de melhores salários, melhores condições de trabalho e uma maior valorização. Uma das categorias profissionais que mais estiveram em evidência nessa pandemia foram os trabalhadores que atuam via plataformas digitais, principalmente os entregadores, atores essenciais para que outras pessoas pudessem se manter em isolamento social e evitar a propagação do vírus. Todavia, esses entregadores vivenciaram durante a pandemia a degradação das condições de trabalho, com menores salários, maior concorrência entre trabalhadores e maiores jornadas de trabalho (Abílio *et al.*, 2020). Eles são apenas um exemplo de inúmeros trabalhadores que se encontraram nessa situação, que não é reflexo exclusivo da pandemia, mas é intensificada por ela.

Através das notícias levantadas, percebemos que muitos desses trabalhadores não ficaram inertes. Trabalhadores da Amazon organizaram uma “greve virtual” com o objetivo de protestar e expor as condições precárias a que estão expostos e funcionários da empresa Instacart, que atuam com entregas e coletas de alimentos nos Estados Unidos, também realizaram uma greve por conta dos baixos salários e ausência de itens de proteção à saúde, a greve foi organizada pelo movimento *Gig Workers Collective*, fundado por uma funcionária da Instacart. Na França e Itália, os trabalhadores da Amazon também paralisaram

suas atividades. Aqui no Brasil, movimentos como o “Breque dos APPs” mobilizaram os entregadores via aplicativos a fim de reivindicarem melhores condições de renda e trabalho. Seguem exemplos de notícias associadas a categoria temática organização política dos trabalhadores:

Quadro 6

Algumas notícias associadas com a categoria temática organização política dos trabalhadores

Organização política dos trabalhadores	
Tema	Exemplos de notícias associadas
Sindicatos	Empregos de motoristas de transportes coletivos de João Pessoa são garantidos em acordo; Sindicato pede estabilidade de empregos da Embraer;
Mobilização e coletiva	Trabalhadores da Instacart fazem greve e protestam por melhores condições de trabalho; Motoboys organizam boicote a aplicativos; Trabalhadores da Amazon protestam por melhores condições de trabalho.

Nota: Links nas respectivas notícias.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Esses são alguns dos exemplos que emergiram do nosso levantamento, a partir deles percebemos que esses trabalhadores são atores ativos que resistem diante da opressão que sofrem diariamente. Ademais, esses movimentos de organização política dos trabalhadores nos despertaram atenção pela utilização de novos mecanismos de articulação, como os ambientes virtuais, e ainda, por serem movimentos que partiram de baixo para cima, dos próprios trabalhadores. De acordo com Braga (2015) as formas tradicionais de organização dos trabalhadores, com destaque para os sindicatos, têm enfrentado inúmeras dificuldades e desafios na atualidade. A crise do sindicalismo no Brasil pode ser caracterizada pela ausência de representatividade e dificuldades em agregar interesses, perda do caráter combativo e reivindicatório (Alves, 2000), corporativismo e burocratização (Antunes, 20018; Tragtenberg, 2011), perda de poder após a reforma trabalhista, somado a isso, temos uma realidade de maior heterogeneidade e fragmentação da classe trabalhadora, trabalhadores que não

possuem uma identidade profissional e se veem apenas como empreendedores. Todos esses pontos abordados tornam ainda mais complexos os desafios relacionados com a organização política dos trabalhadores.

No entanto, os trabalhadores têm encontrado novas formas de se articularem. Parra (2018) nos traz um questionamento instigante: é possível resistir por meio das mesmas tecnologias que nos controlam, que exploram o trabalho? Nesse sentido, Sancho (2018) pontua que a internet representa tanto um espaço para acumular valor, quanto um espaço social em que movimentos de resistência podem acabar tomando forma. Ainda segundo o autor, “essas articulações políticas entraram em cena sem construir um sujeito unitário nem uma coordenação centralizada, mas tendem a auto-organização e à cooperação, mantendo a autonomia das partes (Sancho, 2018, p. 356-357). A articulação da greve dos entregadores que ocorreu no mês de julho se deu através das redes sociais, ou seja, tomou forma nas redes e posteriormente se materializou nas ruas. Se existem novas formas de trabalho e exploração, também são necessárias novas formas de organização e representação. Segundo Kalil (2020), muitos trabalhadores têm se organizado através dos ambientes virtuais e por meio de aplicativos que permitem a comunicação instantânea. Os trabalhadores têm se organizado através da busca de representação por meio dos sindicatos tradicionais ou da auto-organização independente de sindicatos, boicote às empresas, cooperativismo de plataforma, espaços virtuais, mobilização coletiva em torno de aprovação de leis e maior regulação (Kalil, 2020; Figueiredo, 2019; Scholz, 2017; Grohmann, 2020).

Assim como a pandemia evidencia a exploração do trabalho e as desigualdades estruturais, o contexto também permitiu que houvesse uma maior visibilidade para as lutas dos trabalhadores, para as situações precárias a que estão submetidos. Podemos perceber que os trabalhadores têm resistido, a partir de novos mecanismos ou de formas tradicionais, para reorganizarem o trabalho conforme outra lógica e para melhorarem as condições existentes. Nesse

sentido, a tecnologia possui um papel fundamental por permitir uma articulação abrangente, em nível internacional, um envolvimento de diferentes categorias profissionais, o compartilhamento de informações e dar voz a esses trabalhadores. Ainda é cedo para delinear os desdobramentos dessas mobilizações que ocorreram no período da pandemia, o que torna ainda mais relevante a investigação sobre a organização política dos trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, com base nas notícias relacionadas ao mundo do trabalho e a Covid-19 que compuseram nosso *corpus* de pesquisa, foi possível delimitar interesses e compor a proposição de nossa agenda de pesquisa. Ressaltamos que nossas escolhas visam dar centralidade à figura do trabalhador, o considerando como ator ativo no nosso sistema social. Partimos da posição que o trabalho vai muito além do sentido dado pelo capital e não representa apenas trabalho remunerado realizado dentro de organizações econômicas, ele pode tanto ser penoso, quanto prazeroso, tanto alienante quanto libertador, pode ser fonte de riqueza ou de miséria (Antunes, 2009). Abordaremos os temas dentro de uma perspectiva histórica e crítica, buscando compreender as velhas e as novas dinâmicas do trabalho, levando em consideração o contexto da pandemia e os contextos periféricos, tratando dos aspectos objetivos e subjetivos, individuais e coletivos. Ademais, através de nossas pesquisas futuras buscaremos desnudar o que está por trás dos discursos e práticas organizacionais e do nosso modo de produção capitalista. Desta forma, segue a agenda de pesquisa a ser adotada pelo nosso grupo de pesquisa:

Quadro 7

Agenda de pesquisa do grupo Observatório da Realidade Organizacional

	Temas
Grupo de Trabalhadores	- Trabalhadores vulneráveis;
	- Trabalhadores uberizados;
	- Trabalhadores autônomos e temporários.
Subjetividade do Trabalhador	- Sentidos do Trabalho;
	- Trabalhos substantivos.
Precarização e Flexibilização das Relações Trabalhistas (RT)	- Flexibilização e Precarização das RT;
	- Terceirização e Pejotização;
	- Insegurança e Medo;
	- Informalidade.
Futuro do Trabalho: Tecnologia e Automação	- Trabalho Remoto;
	- Capitalismo de plataforma e trabalhadores via plataformas digitais;
	- Vigilância digital.
Organização Política dos Trabalhadores	- Mobilização coletiva;
	- Auto-organização dos trabalhadores.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Escolhemos os temas acima relacionados por representarem tendências emergentes relacionadas ao mundo do trabalho e/ou por terem sido amplificados durante a pandemia, mesmo que representem velhas dinâmicas com novas roupagens. De uma forma geral, abordaremos as temáticas considerando as desigualdades estruturais e o contexto histórico, político e social em que se manifestam. Ademais, todos os temas emergiram a partir do cotidiano, do empírico, se destacam não apenas por conta da grande quantidade de publicações, mas por evidenciar as desigualdades estruturais a que estão sujeitos os trabalhadores, ainda mais aprofundadas nos contextos periféricos. Ao nos aprofundarmos nessas temáticas teremos uma melhor compreensão de diversos aspectos que compõem o mundo do trabalho.

Os temas que emergem da categoria **grupo de trabalhadores, precarização e flexibilização das relações trabalhistas** compõem a nossa agenda de pesquisa pelo fato de evidenciarem as vulnerabilidades a que estão expostos os trabalhadores e pelas notícias deixarem ainda mais evidenciadas as consequências das reformas neoliberais que amplificam essa precarização. Não

pretendemos abordar esses temas apenas como forma de denúncia, mas nos aprofundarmos teoricamente a partir do empírico, buscando promover uma reflexão crítica e permitir o avanço dos estudos na área. Dentre os motivos que nos levam a introduzir a temática **sentidos do trabalho** na nossa agenda de pesquisa temos a lacuna teórica na literatura em Administração. Outros campos do conhecimento têm se dedicado a estudar os sentidos do trabalho, como a psicologia, a sociologia e a economia, mas existem poucos estudos em Administração, sobretudo dentro de uma abordagem não funcionalista. Dessa forma, buscaremos tratar o fenômeno a partir de outras possibilidades epistemológicas e focar nas novas configurações do trabalho. Além disso, o estudo da temática é socialmente importante. Todo o processo de flexibilização e precarização do mundo do trabalho tem se tornado cada vez mais intenso e o maior afetado é o trabalhador. Assim, abordar a temática a partir da perspectiva do trabalhador é dar voz a sujeitos que foram historicamente silenciados, é trazer de volta o antropológico para os estudos sobre o trabalho em Administração. Já a categoria **futuro do trabalho e automação** nos evidencia o quanto a pandemia acelerou as mudanças que já vinham ocorrendo no mundo do trabalho. Dessa forma, é relevante desenvolver pesquisas que abordem as novas dinâmicas do trabalho e o impacto da tecnologia sobre estas, investigando novas formas de organização social e do trabalho, a fim de compreendermos as novas modalidades de extração de mais-valia e de controle organizacional. Nesse contexto, se torna fundamental investigar as novas configurações que envolvem a **organização política dos trabalhadores** e o papel das tecnologias nessa articulação, sendo relevante entender quais as respostas que os trabalhadores e sindicatos tem construído. Através de nossas pesquisas, pretendemos repercutir essas lutas e mostrar outras formas possíveis de organização além da hegemônica.

O nosso *corpus* de pesquisa também evidenciou outras categorias relevantes, conforme exposto no quadro 1, que podem ser úteis para outros pesquisadores interessados pelas temáticas. Dessa forma, sugerimos para futuras pesquisas:

investigar aspectos relacionados com as condições de trabalho durante a pandemia, buscando entender quais os possíveis impactos da pandemia na violência física e psicológica contra os trabalhadores; comparar as condições de trabalho para as diferentes categorias profissionais; demonstrar como os valores neoliberais e as contradições do capital se manifestaram no período da pandemia, analisando o falso dilema economia *versus* saúde e/ou economia *versus* trabalhadores, discurso que foi exaustivamente abordado pelo governo brasileiro durante a crise do coronavírus, contribuindo para reforçar o imaginário de que desenvolvimento social e econômico são incompatíveis.

Ainda como sugestões de pesquisas indicamos a investigação de como as práticas discursivas hegemônicas se manifestaram no período da pandemia, como discursos que reforçam a ideia do empreendedorismo e individualismo; investigar a distância entre o discurso e a prática organizacional, já que enquanto algumas notícias divulgaram medidas tomadas pelas empresas para proteger os funcionários, denúncias foram realizadas por trabalhadores por condições inadequadas de trabalho; aprofundar os estudos sobre o papel do Estado durante a pandemia e uma possível volta do Estado enquanto ator central frente aos constantes discursos que pregam o Estado Mínimo; tratar da temática da renda básica universal, tema que permite o desenvolvimento de pesquisas sob diversas perspectivas, alguns questionamentos que podem guiar os estudos são: quais seriam os impactos sociais e psicológicos da implementação de uma renda universal que garanta a sobrevivência dos trabalhadores? Como isso influenciaria os sentidos do trabalho? A garantia de uma renda básica eliminaria o exército industrial de reserva? Por fim, se faz necessário relacionar trabalho com gênero e raça, visto que não podemos dissociar a discussão sobre o mundo do trabalho dessas questões, sobretudo porque as desigualdades em relação a gênero e raça se mostraram ainda mais acentuadas durante a Covid-19.

Em síntese, buscamos apresentar nesse artigo um ponto de partida para pesquisas futuras que envolvam temática relacionadas com o mundo do trabalho

a partir do contexto da pandemia. Dessa forma, apresentamos de modo introdutório um panorama geral do que tem sido publicado nas mídias a respeito do mundo do trabalho. A impossibilidade de prever os desdobramentos dos diversos assuntos abordados torna ainda mais relevante estudos futuros que abordem os temas representados.

REFERÊNCIAS

Abílio, Ludmila, C. (2020a). Uberização: a era do trabalhador *just-in-time*? *Estudos Avançados*, 34(98), 111-126.

Abílio, Ludmila, C. (2020b, 20 de maio). *Trabalho e uberização em tempos de pandemia* [vídeo]. Recuperado em 10, novembro 2020 de: <https://www.cesit.net.br/trabalho-e-uberizacao-em-tempos-de-pandemia-precariedade-e-gerenciamento-dos-trabalhadores-just-in-time/>

Abílio, Ludmila, C. (2019). Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Revista Psicoperspectivas*, 18(3), 1-11.

Abílio, Ludmila, C., Almeida, Paula, F., Amorim, Henrique, Cardoso, Ana Claudia, M., Fonseca, Vanessa, P., Kalil, Renan B., & Machado, Sidnei (2020). Condições de trabalho de entregadores via plataforma digital durante a Covid-19. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, 3(n.spe), 1-21.

Alves, Giovanni. (2000). *O novo (e precário) mundo do trabalho. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo.

Alves, Giovanni (2013). *Dimensões da precarização do trabalho: ensaios de sociologia do trabalho*. Bauru: Canal 6.

Andrade, Silvia, P. C., Tolfo, Suzana R., & Dellagnelo, Eloise H. L. (2012). Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. *Revista de Administração Contemporânea*, 16(2), 200-216.

Antunes, Ricardo (2020). *Coronavírus: O trabalho sob o fogo cruzado*. São Paulo: Boitempo.

Antunes, Ricardo (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital*. São Paulo: Boitemp.

Antunes, Ricardo (2009). *Sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitemp.

Barbosa, Attila, M. S. & Orbdem, Juliani V. (2015). "Pejotização": precarização das relações de trabalho, das relações sociais e relações humanas. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, 10(2), 1-21.

Bessi, Vânia, G., Zimmer, Marco, V., & Grisci, Carmem, L. I. (2007). O panóptico digital nas organizações: espaço-temporalidade e controle no mundo do trabalho contemporâneo. *Organizações & Sociedade*, 14(42), 83-96.

Braga, Ruy (2015). *A pulsão plebeia: trabalho, precariedade e rebeliões sociais*. São Paulo: Alameda.

Braun, Virginia & Clarke, Victoria. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.

Bridi, Maria A. (2020). A pandemia Covid-19: crise e deterioração do mercado de trabalho brasileiro. *Estudos Avançados*, 34(100), 141-165.

Bridi, Maria A., Bohler, Fernanda, R., & Zanoni, Alexandre, P. (2020). *Relatório técnico-científico da pesquisa: O trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19*. Curitiba: UFPR/Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade.

Bourdieu, Pierre (1998). *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar.

Carvalho, Cristina A., & Vieira, Marcelo M. F. (Orgs.). (2003). *Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional*. Recife: EDUFEPE.

Carvalho, Laura (2020). *Curto-circuito: o vírus e a volta do Estado*. São Paulo: Todavia.

Dal Rosso, Sadi (2008). *Mais trabalho: a intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo.

De Stefano, Valerio (2016). *The rise of the "just-in-time workforce": on-demand work, crowdwork and labour protection in the gig economy*. Geneva: ILO.

Faria, José, H. & Meneghetti, Francis, K. (2007a). A instituição da violência nas relações de trabalho. In José H. Faria (Org.). *Análise crítica das teorias e práticas organizacionais* (pp. 371-397). São Paulo: Atlas.

Faria, José, H., & Meneghetti, Francis, K. (2007b). O sequestro da subjetividade. In José H. Faria (Org.). *Análise crítica das teorias e práticas organizacionais* (pp. 83-112). São Paulo: Atlas.

Figaro, Roseli (Coord.). (2020). *Relatório dos resultados de pesquisa: como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?* São Paulo: ECA-USP.

Figueiredo, Carlos (2019). Algoritmos, subsunção do trabalho, vigilância e controle: novas estratégias de precarização do trabalho e colonização do mundo da vida. *Revista Eptic*, 21(1) 156-172.

Furceri, Davide, Loungani, Prakash., & Ostry, Jonathan, D. (2020). *Como as pandemias deixam os pobres mais pobres*. Fundo Monetário Internacional (FMI).

Recuperado em 19, outubro 2020 de:
<https://www.imf.org/pt/News/Articles/2020/05/11/blog051120-how-pandemics-leave-the-poor-even-farther-behind>.

Gaulejac, Vincent. (2007). *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Aparecida: Ideias & Letras.

Global Preparedness Monitoring Board. (2019). *A world at risk – Annual report on global preparedness for health emergencies*. Geneva: GPM. Recuperado em 19, outubro 2020 de:
https://apps.who.int/gpmb/assets/annual_report/GPMB_annualreport_2019.pdf.

Goés, Geraldo, S., Martins, Felipe, S., & Nascimento, José, A. S. (2020). Potencial de teletrabalho na pandemia: um retrato no Brasil e no mundo. Nota técnica nº 47: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Recuperado em 9, novembro 2020 de:
https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200608_nt_cc47_teletrabalho.PDF.

Gonzalez, Lauro, Barreira, Bruno, & Pereira, Leonardo J. (2020). *Auxílio emergencial e o futuro dos invisíveis*. São Paulo: FGV/EAESP. Recuperado em 08, novembro 2020 de:
<https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u624/aeoutubrovfinal.pdf>

Grohmann, Rafael (2020). Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. *Revista Eptic*, 22(1), 106-122.

Grohmann, Rafael, & Qiu, Jack. (2020). Contextualizando o trabalho em plataforma. *Contracampo*, 39(1), 1-10.

Guadagno, Lorenzo. (2020). *Migrant sand the COVID-19 pandemic: an initial analysis*. Genebra: International Organization for Migration. Recuperado em 08, novembro 2020 de: https://www.researchgate.net/profile/Lorenzo_Guadagno/publication/340844735_Migrants_and_the_COVID-19_pandemic_An_initial_analysis/links/5ea04e1892851c010577ecb0/Migrants-and-the-COVID-19-pandemic-An-initial-analysis.pdf

Harvey, David (2020). *Anticapitalismo em tempos de pandemia: marxismo e ação coletiva*. São Paulo: Boitempo.

Harvey, David (2011). *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2020a). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, trimestre móvel Jan.Mar. 2020*. Recuperado em 20, outubro 2020 de: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3086/pnacm_2020_mar.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2020b). PNAD COVID-19. Recuperado em 13, novembro 2020 de: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2019). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019*, Rio de Janeiro, RJ: Autor. Recuperado em 20, outubro 2020 de: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>

International Labour Organization. (2020a, 18 de março). *ILO Monitor: Covid-19 and the world of work: Impact and policy responses*. First Edition. Genebra, Switzerland: Autor. Recuperado em 20, outubro 2020 de:

https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_738753.pdf

International Labour Organization. (2020b, 07 de abril). *ILO Monitor: Covid-19 and the world of work*. Second Edition. Updated estimates and analysis. Geneva, Switzerland: Autor. Recuperado em 20, outubro 2020 de: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_740877.pdf

International Labour Organization. (2020c, junho). *Panorama laboral en tiempos de la COVID-19: Impactos en el mercado de trabajo y los ingresos en America Latina el Caribe*. Geneva, Switzerland: Autor. Recuperado em 20, outubro 2020 de: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---rolima/documents/publication/wcms_749659.pdf

International Labour Organization. (2020d). *Garantir a saúde e segurança do trabalho durante a pandemia*. Geneva, Switzerland: Autor. Recuperado em 10, novembro 2020 de: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_744845.pdf

Kalil, Renan, B. (2020). Organização coletiva dos trabalhadores no capitalismo de Plataforma. *Contracampo*, 39(2), 79-93.

Kalil, Renan, B. (2019). *Capitalismo de plataforma e direito do trabalho: crowdwork e trabalho sob demanda por meio de aplicativos*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Krein, José, D., Abílio, Ludmila., Freitas, Paula, Borsari, Pietro, & Cruz, Reginaldo. (2017). *Projeto de pesquisa "Subsídios para a discussão sobre a reforma trabalhista no Brasil"*. Recuperado em 10, novembro 2020 de:

<https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2017/11/Texto-de-Discuss%a3o-4-Relac%b5es-de-trabalho.pdf>

Luz, Emanuelli, M. F., Munhoz, Oclaris, L., Morais, Bruna, X., Greco, Patrícia, B. T., Camponogara, Silviamar., & Magnago, Tânia, S. B. S. (2020). Repercussões da COVID-19 na saúde mental dos trabalhadores de enfermagem. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 10, 1-8.

Magno, Attila & Barbosa, Silva (2011). O empreendedor de si mesmo e a flexibilização do mundo do trabalho. *Revista Sociologia e Política*, 19(38), 121-140.

Mascaro, Alisson, L. (2020). *Crise e pandemia*. São Paulo: Boitempo.

Mészáros, István (2011). *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011.

Ornell, Felipe, Schuch, Jaqueline, B., Sordi, Anne, O., & Kessler, Felix, H. P. (2020). "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42(3), 232-235.

Pagès, Max., Bonetti, Michel, Gaulejac, Vicent, & Descendre, Daniel (2006). *O poder das organizações*. São Paulo: Atlas.

Parra, Henrique (2018). Experiências com tecnoativistas: Resistências na política do digital? In Fernanda Bruno, Bruno Cardoso, Martha Kanashiro, Luciana Guilhon & Lucas Melgaço (Orgs.). *Tecnopolíticas da vigilância: Perspectivas da margem* (pp. 341-354). São Paulo: Boitempo.

Pochmann, Marcio (2016). Terceirização, competitividade e uberização do trabalho no Brasil. In Teixeira, Marilane, O., Andrade, Helio R., & Coelho, Elaine

D'Ávila. (Orgs.). *Precarização e terceirização: faces da mesma realidade* (pp. 59-68). São Paulo: Sindicato dos Químicos.

Pochmann, Marcio (2017). Ataques aos direitos sociais e trabalhistas no Brasil. *Revista Estado y Políticas Públicas*, 81-91. Recuperado em 12, novembro 2020 de: https://revistaeypp.flacso.org.ar/files/revistas/1510808757_81-91.pdf

Rede de Políticas Públicas & Sociedade. (2020a, 17 abr). *COVID-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade*. A vulnerabilidade dos trabalhadores brasileiros na pandemia da COVID-19. Nota técnica nº 2. São Paulo: RPPS. Recuperado em 8, novembro 2020 de: http://oic.nap.usp.br/wp-content/uploads/2020/04/Boletim-n%C2%BA2_22Covid1922pdf.pdf

Rede de Políticas Públicas & Sociedade. (2020b, 24 abr). *COVID-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade*. Na crise, homens negros e mulheres negras são os mais vulneráveis. Mas surgem “novos vulneráveis”, homens brancos e mulheres brancas em serviços não essenciais. Nota Técnica nº 3. São Paulo: RPPS. Recuperado em 8, novembro 2020 de: http://oic.nap.usp.br/wp-content/uploads/2020/04/Boletim-n%C2%BA3_PPS_24abril.pdf

Sancho, Guiomar, R. (2018). Multidões conectadas e movimentos sociais: Dos zapatistas e do hacktivismo à tomada das ruas e das redes. In Fernanda Bruno, Bruno Cardoso, Martha Kanashiro, Luciana Guilhon & Lucas Melgaço (Orgs.). *Tecnopolíticas da vigilância: Perspectivas da margem* (pp. 355-394). São Paulo: Boitempo.

Santos, Boaventura S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo.

Santos, Milton (2002). *O país distorcido: Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha.

Santos, Milton (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (6a ed). Rio de Janeiro: Record.

Scholz, Trebor (2017). *Cooperativismo de plataforma*. São Paulo: Elefante, Autonomia Literária & Fundação Rosa Luxemburgo.

Similar Web. (2020, 10 mai). *Classificação dos principais sites*. 2020. Recuperado em 20, outubro 2020 de: <https://www.similarweb.com/pt/top-websites/>.

Srnicek, Nick (2016). *Platform Capitalism*. Cambridge: Polity Press.

Quammen, Davi. (2013). *Spillover: animal infections*. New York: W.W Norton & Company.

Tragtenberg, Maurício (2011). *Autonomia operária*. São Paulo: Unesp.

Wrzesniewski, Amy & Dutton, Jane, E. (2001). Crafting a job: revisioning employees as active crafters of their work. *Academy of Management Review*, 26(2), 179-201.

Zanoni, Alexandre, P., Bezerra, Giovana, U., & Bridi, Maria Aparecida. (2020). O trabalho remoto e as condições das mulheres no contexto da pandemia de COVID-19. In Maria A. Bridi, Fernanda R. Bohler, & Alexandre P. Zanoni. *Relatório técnico-científico da pesquisa: O trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19* (pp. 55-87). Curitiba: UFPR/Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade.

MUNDO DO TRABALHO E COVID-19: UM PANORAMA SOBRE ESSA RELAÇÃO E A PROPOSIÇÃO DE AGENDA PARA UM GRUPO DE PESQUISA

Resumo

Este trabalho objetivou a proposição de uma agenda de pesquisa que aborde o mundo do trabalho no contexto da Covid-19, baseada no empírico, a partir de notícias veiculadas em mídias nacionais e internacionais, além de sugerir estudos futuros para outros pesquisadores. O *corpus* de pesquisa foi composto por um total de 4.054 notícias relacionadas a aspectos do mundo do trabalho no contexto da pandemia. Compreendemos que a Covid-19 representa não apenas uma crise de saúde, mas uma crise humanitária, aprofundando desigualdades históricas e impactando diretamente uma massa de trabalhadores vulneráveis. Portanto, a pandemia amplifica as desigualdades estruturais e acelera as mudanças que já vinham ocorrendo no mundo do trabalho. A partir dessa perspectiva buscamos delinear, evidenciar e discutir brevemente um panorama sobre o que tem sido abordado a respeito do mundo do trabalho no contexto da pandemia.

Palavras-chave: Agenda de pesquisa. Trabalhadores. Trabalho e pandemia.

MUNDO LABORAL Y COVID-19: UN PANORAMA DE ESTA RELACIÓN Y LA AGENDA PROPUESTA PARA UM GRUPO DE INVESTIGACIÓN

Resumen

Este trabajo tuvo como objetivo proponer una agenda de investigación que aborde al mundo laboral en el contexto del Covid-19 basada en datos empíricos, a partir de noticias publicadas en medios nacionales e internacionales, y sugerir futuros estudios para otros investigadores. El corpus de investigación fue compuesto por un total de 4.054 noticias relacionadas con aspectos al mundo del trabajo en el contexto de la pandemia. Entendemos que Covid-19 representa no solo una crisis de salud, sino también una crisis humanitaria, que profundiza las desigualdades históricas e impacta más directamente a una masa de trabajadores vulnerables. Por tanto, la pandemia amplifica las desigualdades estructurales y acelera los cambios que ya se estaban produciendo en el mundo del trabajo. Desde esta perspectiva, buscamos delinear, resaltar y discutir brevemente un panorama sobre lo que ha sido abordado con respecto al mundo del trabajo en el contexto de la pandemia.

Palabras clave: Agenda de investigación. Trabajadores. Trabajo y pandemia.

WORLD OF WORK AND COVID-19: AN OVERVIEW ABOUT THIS RELATIONSHIP AND THE PROPOSITION OF AGENDA FOR THE RESEARCH GROUP

Abstract

This work aimed to propose an empirical-based research agenda concerning the world of work in the context of Covid-19, from news published in national and international media, and to suggest future studies for other researchers. The research corpus was composed of a total of 4,054 news related to aspects of the world of work in the context of the pandemic. We understand that Covid-19 represents not only a health crisis, but a humanitarian crisis, deepening historical inequalities and directly impacting a mass of vulnerable workers. Therefore, the pandemic amplifies structural inequalities and accelerates the changes that were already occurring in the world of work. From this perspective, we seek to outline, highlight, and briefly discuss an overview on what has been discussed about the world of work in the context of the pandemic.

Keywords: Research agenda. Workers. Work and Pandemic.

CONTRIBUIÇÃO

Débora Coutinho Paschoal Dourado

A autora declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (não se aplica), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (principal), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

Angélica Pereira Soares

A autora declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (não se aplica), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (principal), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

Mariana Larissa dos Santos Silva

A autora declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (não se aplica), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (principal), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

Newton Claizoni Moreno de Melo

O autor declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (não se aplica), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (principal), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

CONFLITOS DE INTERESSE

Es autores declaram não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Es autores declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

Es autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelos recursos que viabilizaram a realização do estudo a partir do qual os dados desta contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Dourado, Débora C. P., Soares, Angélica P., Silva, Mariana L. S., & Melo, Newton C. M. (2022). Mundo do trabalho e Covid-19: um panorama sobre essa relação e a proposição de agenda para um grupo de pesquisa. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(25), 509-568.